



ACADEMIA MILITAR

O Espectro das Operações Militares e o Desenvolvimento das Unidades de Reconhecimento

Autor

Asp Tir Cav Daniel José Oliveira Fernandes

Orientador: Cap Cav Alberto Joel Santos Carvalho Pinto

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho 2012



ACADEMIA MILITAR

Título

O Espectro das Operações Militares e o Desenvolvimento das Unidades de Reconhecimento

Autor

Asp Tir Cav Daniel José Oliveira Fernandes

Orientador: Cap Cav Alberto Joel Santos Carvalho Pinto

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, julho 2012**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, aos meus
pais, irmã e avô José.

AGRADECIMENTOS

Este espaço é dedicado a todos aqueles que de forma direta ou indireta deram a sua preciosa contribuição para que este trabalho de investigação fosse possível. A todos eles deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao Sr. Capitão de Cavalaria Alberto Joel Santos Carvalho Pinto, por aceitar desde o início ser orientador deste trabalho e por todas as suas orientações, críticas e sugestões nas diversas fases do mesmo.

Ao Sr. Major General José Carlos Filipe Antunes Calçada, pelos conhecimentos que prontamente se disponibilizou a transmitir.

Ao Sr. Coronel de Cavalaria Jocelino do Nascimento Bragança Rodrigues, Comandante do Regimento de Cavalaria Nº6, pela disponibilidade e simpatia com que me recebeu e disponibilizou os dados, para a elaboração deste trabalho.

Ao Sr. Tenente-Coronel de Cavalaria Henrique José Cabrita Gonçalves Mateus, que na qualidade de diretor de curso sempre demonstrou preocupação e disponibilidade.

Ao Sr. Capitão de Cavalaria Tiago Alexandre Gomes Fazenda pelas orientações e material disponibilizado.

Aos meus pais e irmã, agradeço pelo amor incondicional, pelo apoio e coragem que sempre me transmitiram.

Por último, agradeço aos meus amigos camaradas de curso e a todos os professores que comigo partilharam do seu saber.

A todos o meu muito OBRIGADO!

Daniel Fernandes

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada encontra-se subordinado ao tema “O Espectro das Operações Militares e o Desenvolvimento das Unidades de Reconhecimento”.

Atualmente vivemos num mundo em constante mutação, onde a necessidade de informação assume um papel primordial.

Sendo as unidades de Reconhecimento as responsáveis pela recolha dessa mesma informação em termos militares, é objetivo deste trabalho descortinar quais os desenvolvimentos mais relevantes tidos nestas unidades.

Para tal, este trabalho encontra-se dividido em duas partes fundamentais. A primeira parte alberga um enquadramento teórico relativo às características dos atuais conflitos, assim como as missões desenvolvidas pelas unidades de Reconhecimento. A segunda parte acomoda o estudo referente às unidades de Reconhecimento dos Estados Unidos da América (EUA), os estudos de caso bem como a comparação entre as unidades de Reconhecimento dos Exército dos EUA e do Exército Português.

A metodologia empregue foi a dedutiva respeitando as etapas projetadas por Quivy, tendo por base a análise documental e entrevista com o objetivo de determinar quais as alterações levadas a cabo no Reconhecimento.

Concluimos que os desenvolvimentos tidos nas unidades de Reconhecimento foram observados em várias áreas, no entanto os relativos à formação dos oficiais e sargentos, assim como os respeitantes ao equipamento e organização foram aqueles que mais avanços alcançaram.

Palavras-Chave: UNIDADES DE RECONHECIMENTO, ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO, DESENVOLVIMENTO, FORMAÇÃO, EQUIPAMENTO.

ABSTRACT

The present study of Applied Research belongs to the subject "The Spectrum of Military Operations and The Development Units of Reconnaissance."

Nowadays we live in a changing World, where the need for information plays a major role.

Being the Reconnaissance Units responsible for collecting such information, in military terms, the objective of this study is to unveil the most relevant developments which have been taken in these units.

To this end, this work consists of two main sections. The first part contains a theoretical framework concerning the characteristics of the current conflicts as well as the missions undertaken by Reconnaissance Units. The second part accommodates the study regarding the units Reconnaissance of the U.S., case studies as well as the comparison between the units of the U.S. Army Reconnaissance and Portuguese Army.

The methodology employed was the deductive steps designed by respecting Quivy, based on the records and interviews in order to determine the changes carried out in Reconnaissance.

We conclude that the developments taken in Reconnaissance Units were of various kinds, however, concerning the Training of officers and sergeants, as well as those relating to equipment and organization, were those who achieved more progress.

Keywords: RECONNAISSANCE UNIT, RECONNAISSANCE TROOP, DEVELOPMENT, TRAINING, EQUIPMENT.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	II
AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
ÍNDICE DE TABELAS	X
LISTA DE SIGLAS e ABREVIATURAS	XII
CAPÍTULO 1	
INTRODUÇÃO	
1.1 INTRODUÇÃO	1
1.2 ENQUADRAMENTO	1
1.3 JUSTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA	2
1.4 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO	2
1.5 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	3
1.6 HIPÓTESES	4
1.7 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	4
1.8 SÍNTESE DE CAPÍTULOS	5
PARTE I - ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	
CAPÍTULO 2	
CONFLITUALIDADE ATUAL	
2.1 INTRODUÇÃO	7
2.2 CONFLITUALIDADE ATUAL	7
2.3 PRINCIPAIS AMEAÇAS	10
2.4 CARACTERÍSTICAS DOS ATUAIS TEATROS	12

2.5	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	14
CAPÍTULO 3		
UNIDADES DE RECONHECIMENTO		
3.1	INTRODUÇÃO	15
3.2	UNIDADES DE RECONHECIMENTO.....	15
3.3	MISSÕES DAS UNIDADES DE RECONHECIMENTO.....	16
3.4	CARACTERISTICAS DAS UNIDADES DE RECONHECIMENTO	20
3.5	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	21
CAPÍTULO 4		
METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS		
4.1	INTRODUÇÃO	22
4.2	MÉTODO DE ABORDAGEM	22
4.3	RECOLHA DE DADOS	23
4.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	23
4.5	MATERIAIS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	24
4.6	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	24
PARTE II - ESTUDO		
CAPÍTULO 5		
UNIDADES DE RECONHECIMENTO DOS EUA		
5.1	INTRODUÇÃO	25
5.2	UNIDADES DE RECONHECIMENTO DO EXÉRCITO DOS EUA.....	25
5.2.1	ORGANIZAÇÃO.....	27
5.2.2	NOVOS EQUIPAMENTOS	31
5.3	FORMAÇÃO. UM NOVO CONCEITO.....	33
5.4	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	35
CAPÍTULO 6		
ESTUDO DE CASO		
6.1	INTRODUÇÃO	37
6.2	TEATRO DO IRAQUE.....	37
6.2.1	3 SQUADRON 7 CAVALRY NA OPERATION IRAQ FREEDOM	38
6.2.2	UNIDADES RSTA NO IRAQUE.....	41

6.3	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	43
CAPÍTULO 7		
ORGÂNICA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO RSTA DOS EUA E ERec/BrigInt PORTUGUÊS		
7.1	INTRODUÇÃO.....	45
7.2	ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO RSTA, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES	45
7.3	ERec/BrigInt, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES	46
7.4	ESQUADRÃO RECONHECIMENTO RSTA E ERec/BrigInt, COMPARAÇÃO.....	47
7.5	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	49
CAPÍTULO 8		
CONCLUSÕES E PROPOSTAS		
8.1	INTRODUÇÃO.....	51
8.2	VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES	51
8.3	RESPOSTA ÀS QUESTÕES DERIVADAS.....	53
8.4	RESPOSTA À PERGUNTA DE PARTIDA.....	54
8.5	RECOMENDAÇÕES	54
8.6	LIMITAÇÕES	55
8.7	INVESTIGAÇÕES FUTURAS.....	55
BIBLIOGRAFIA.....		56
ANEXOS.....		59

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Espectro do Conflito	60
Figura 2: O Espectro do conflito e os temas de campanha.....	60
Figura 3: Operações militares conjuntas conduzidas sob determinados temas de campanha	61
Figura 4: Tipologia das Operações	63
Figura 5: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado	64
Figura 6: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento Ligeiro	65
Figura 7: Organização do Grupo RSTA pertencente à SBCT.....	66
Figura 8: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento do RSTA.....	67
Figura 9: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento do BFSB	68
Figura 10: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento das HBCT	69
Figura 11: Orgânica e equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento pertencente a um ACR	70
Figura 12: Organigrama Esquadrão de Reconhecimento	71
Figura 13: Aproximação do 3-7 CAV ao objetivo Floyd.....	72
Figura 14: 3 BCT de As Samawah a Tallil Air Base.....	73
Figura 15: Objetivo Jenkins.....	73
Figura 16: Plano de ataque do V Corpo	74
Figura 17: Objetivos na proximidade de Bagdad	74
Figura 18: Objetivos e forças insurgentes nos arredores de Bagdad.....	75

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Relação do pessoal nos diferentes esquadrões de reconhecimento do Exército dos EUA	28
Tabela 2: Relação de viaturas nos diferentes esquadrões de reconhecimento dos EUA	31
Tabela 3: Pessoal e viaturas do esquadrão de reconhecimento RSTA e ERec/BrigInt.....	48

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

ANEXO A

A.1 ESPECTRO DO CONFLITO	60
A.2 O ESPECTRO DO CONFLITO E OS TEMAS DE CAMPANHA.....	60
A.3 OPERAÇÕES MILITARES CONJUNTAS.....	61
A.4 TIPOLOGIA DAS OPERAÇÕES	62

ANEXO B

B.1 ORGANIGRAMA ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO DA IBCT.....	64
B.2 ORGANIGRAMA ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO LIGEIRO DA IBCT	65
B.3 ORGANIGRAMA RSTA	66
B.4 ORGANIGRAMA RECONNAISSANCE TROOP DO RSTA	67
B.5 ORGANIGRAMA RECONNAISSANCE TROOP BFSB	68
B.6 ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA HBCT	69
B.7 ORGANIGRAMA RECONNAISSANCE TROOP DO ACR	70
B.8 ORGANIGRAMA ESQUADRÃO DE RE CONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	71

ANEXO C

C.1 OBJETIVO CHATHAM, RAMS, FLOYD E ITINERÁRIO APPALOOSA.....	72
C.2 ESTRADA 8, ITINERÁRIO ROVERS (ESTRADA 18).....	73
C.3 OBJETIVO JENKINS	73
C.4 LINHA DE FASE DOVER	74
C.5 OBJETIVO MONTGOMERY E LIONS	74

LISTA DE SIGLAS e ABREVIATURAS

A

ACR - Armour Cavalry Regiment

ADM - Armas de Destruição Massiva

AO - Área de Operações

ARC - Army Reconnaissance Course

ASP TIR CAV – Aspirante Tirocinante de Cavalaria

B

BCT - Brigade Combat Team

BFSB - Battlefield Surveillance Brigade

BrigInt - Brigada de Intervenção

BMV-Bradley Mortar Vehicle

C

C2- Comando e Controlo

CALL - Center for Army Lesson Learned

CAV - Cavalry

CAP CAV – Capitão Cavalaria

CASEVAC - Casualty Evacuation

CBRN - Chemical, Biological, Radiological and Nuclear

CC – Carro de Combate

CCIR - Commander Critical Information Requirements

CFV – Cavalry Fighting Vehicle

CMDT - Comandante

D

DoD - Department of Defense

DTDD – Directorate of Training and Doctrine Development

E

EPLRS - Enhanced Position Location Reporting System

ERec - Esquadrão de Reconhecimento

ERec/BrigInt - Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção

EUA - Estados Unidos da América

EW - Electronic Warfare

F

FIST - Fire Support Team

FM - Field Manual

FBCB2 - Force XXI Battle Command Brigade and Below

G

GPS - Global Positioning System

H

HBCT - Heavy Brigade Combat Team

HMD - Helmet Mounted Display

HUMINT - Human Intelligence

HMMWV - High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle

I

IBCT - Infantry Brigade Combat Team

ID – Infantry Division

IDN - Instituto da Defesa Nacional

IEDs - Improvised Explosive Device

IESM - Instituto de Estudos Superiores Militares

II GM - II Guerra Mundial

ING – Iraqi National Guard

INFO OPS - Information Operations

IOTV - Improved Outer Tactical Vest

ISR - Intelligence, Surveillance and Reconnaissance

IVR - Informação, Vigilância e Reconhecimento

IR - Information Requirements

J

Javelin ATGM - Javelin Anti Tank Guided Missile

L

LRAS3 - Long Range Advanced Scout Surveillance System

M

Man – Manutenção

Mort – Morteiro

MTLB – Multi Purpose Armored Vehicle

N

NATO - North Atlantic Treaty Organization

NBCRV - Nuclear Biological Chemical Reconnaissance Vehicle

NCW - Network Centric Warfare

O

OIF - Operation Iraqi Freedom

ODS – Operation Desert Storm

ONU - Organização das Nações Unidas

OPFOR - Opposing Force

P

PDE - Publicação Doutrinária do Exército

Pel CC – Pelotão Carros de Combate

Pel Rec – Pelotão de Reconhecimento

Q

QDR - Quadrennial Defense Review Report

R

RC6 - Regimento de Cavalaria Nº6

ROTC - Reserve Officer Training Corps
RPG - Rocket Propelled Grenades
RSTA - Reconnaissance Surveillance Target Acquisition

S

S2 - Oficial de Informações
SAPI - Small Arms Protective Insert
SAR - Segurança da Área da Retaguarda
SBCT - Stryker Brigade Combat Team
SHADOW UAV - Unmanned Aerial Vehicle
SINCGARS - Single Channel Ground and Airborne Radio System
Stryker MC - Stryker Mortar Carriers
Stryker RV - Stryker Reconnaissance Vehicle
Sec Cmd- Secção de Comando

T

TIA - Trabalho de Investigação Aplicada
TRADOC - U. S. Army Training and Doctrine Command

U

UAV - Unmanned Aerial Vehicle
UN - United Nations
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
US – United States

V

VIS/VIC - Vehicle Intercom System
VBR – Viatura Blindada de Rodas

*“ As unidades de Reconhecimento devem ser
organizadas em tempo de paz tal como seriam
em tempo de guerra.”*

Heinz Guderien

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), referente ao tema “O Espectro das Operações Militares e o Desenvolvimento das Unidades de Reconhecimento”, decorre da estrutura curricular dos cursos ministrados na Academia Militar e do facto de esta Instituição atribuir o grau de Mestre em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria.

Este primeiro capítulo começa por fazer um enquadramento, uma justificação e limitação do tema em causa, seguindo-se a parte onde são referidos os objetivos gerais, específicos e às questões de investigação. Por último, faz-se referência à metodologia e modelo de investigação, terminando com uma síntese de todos os capítulos deste trabalho.

1.2 ENQUADRAMENTO

A sociedade na qual estamos inseridos encontra-se numa nova fase de evolução onde o conhecimento e a informação são aspetos primordiais. Encontramo-nos na Era da Informação e do Conhecimento, onde as novas tecnologias têm um papel de grande relevância. Estas mudanças são sentidas nos mais variados setores da sociedade, produzindo alterações que podem ser vividas nas mais variadas áreas.

As Forças Armadas não são imunes a estas mudanças, e nos últimos anos têm vindo a sofrer alterações, sendo algumas consequência da utilização de novas tecnologias, outras devido às novas ameaças e às características dos novos Teatros de Operações, ou devido há razões puramente economicistas.

Sendo hoje em dia a busca por informação nos novos Teatros de Operações um processo complexo devido, entre outros aspetos, ao tipo de ameaça à complexidade do terreno envolvente, ou devido ao tipo de missão levada a cabo. Nada como falar de um dos

elementos responsável pela recolha da mesma, ou seja, as unidades de reconhecimento. Pretende-se assim saber, dentro do Espectro das Operações Militares qual foi o Desenvolvimento das Unidades de Reconhecimento.

1.3 JUSTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Optou-se por realizar um trabalho dentro desta temática, pois as unidades de reconhecimento funcionam como “*os olhos e ouvidos do comandante*” em qualquer tipo de operação ou teatro, sendo impossível sem o contributo das mesmas um Comandante (Cmdt) planear e executar uma operação. Este tema reverte-se de maior importância quando estamos na Era da “*Guerra de Informação*”, onde o detentor da informação parte desde logo com vantagem significativa em relação à força opositora. Num mundo em constante mudança, onde a transmissão de informação e conhecimento através dos *media* é cada vez mais rápida, alguns curtos períodos na posse de uma informação importante podem fazer a diferença entre o sucesso ou fracasso no comprimento de uma missão.

É com base nestes pressupostos que importa estudar às especificidades das operações militares que ocorreram após os atentados de 11 de Setembro de 2001, bem como quais foram as mudanças que daí advieram para as unidades de reconhecimento.

Visto, ser o reconhecimento um tema muito amplo e onde são múltiplas as variantes, o nosso estudo recai sobre a conflitualidade atual, e as alterações que foram necessárias implementar nas unidades de reconhecimento para melhor cumprir as missões que lhe são atribuídas.

Tendo em conta estes fatores, este estudo tem por base as unidades de reconhecimento terrestre do Exército dos EUA.

Foi este o país escolhido, pois no que diz respeito à Cavalaria em Portugal é a doutrina produzida pelos EUA que se toma como referência.

1.4 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO

Esta investigação tem como objetivo geral identificar as transformações que foram levadas a cabo pelo Exército dos EUA nas suas unidades de reconhecimento, no que diz

respeito à organização, material, doutrina e instrução dos seus militares depois de estes terem estado presentes nos teatros de operações modernos, com especial incidência no caso do Iraque e do Afeganistão.

Surge, como pergunta de partida a seguinte: “tendo em conta o espectro atual das operações militares quais as necessidades das unidades de reconhecimento?”

Como forma de dar resposta a esta problemática foram identificados como objetivos específicos os seguintes:

- Identificar quais as diferenças em termos de material e equipamento nas unidades de reconhecimento terrestre dos EUA.
- Identificar quais os novos equipamentos que foram introduzidos nas unidades de reconhecimento dos EUA, assim com quais as vantagens que advieram da sua utilização.
- Analisar as alterações que foram introduzidas na formação dos militares das unidades de reconhecimento dos EUA.

Dando resposta a todos estes objetivos, o fim último deste estudo, prende-se com a possibilidade de agregar algumas ideias e pensamentos que possam servir como base para alteração da atual doutrina de reconhecimento do Exército Português bem como a organização das unidades de reconhecimento.

1.5 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Tendo em vista os objetivos definidos, surgem de forma natural algumas questões de investigação, tais como:

- Quais as características dos novos teatros de operações?
- Quais as necessidades de material e equipamento tendo em conta os novos teatros de operações e as suas ameaças?
- Quais as alterações produzidas na formação dos militares das unidades de reconhecimento, tendo em vista a especificidade dos novos teatros de operações?
- Quais as diferenças entre as unidades de reconhecimento em Portugal e nos EUA no que diz respeito à orgânica?

Responder a estas questões é o intuito principal deste trabalho, no entanto este não termina com a obtenção das mesmas. Durante o estudo podem surgir ainda novas questões, cuja resposta pode significar um salto qualitativo para o nosso Exército, e as quais não poderão ficar sem resposta.

1.6 HIPÓTESES

Como forma de dar resposta às questões derivadas, propusemo-nos a verificar as seguintes hipóteses:

H1: As ameaças presentes nos atuais teatros de operações, aumentaram as necessidades de executar missões de reconhecimento e segurança.

H2: A orgânica das unidades de reconhecimento nos EUA, é a melhor tendo em conta os atuais teatros de operações.

H3: A introdução de novos equipamentos traduziu-se numa mais-valia para as unidades de reconhecimento.

H4: As alterações introduzidas na formação dos militares, possibilitam uma melhor compreensão das missões do reconhecimento.

H5: A orgânica das unidades de reconhecimento em Portugal é a que dá mais garantias de cumprir todo o tipo de missões.

1.7 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente TIA viu o seu percurso metodológico ser iniciado com a recolha de documentação, na sua maioria presente em artigos de revistas da especialidade e monografias existentes sobre o tema em questão, para além das publicações doutrinárias. Numa segunda fase procedeu-se à análise e separação desta documentação, delimitando o objeto de estudo.

A fase seguinte iniciou-se com a esquematização e redação do trabalho. Quanto à última fase, esta diz respeito às conclusões e recomendações, para além da revisão de todo o trabalho.

Todo este processo mostra que a metodologia científica usada no âmbito das ciências sociais se encontra presente neste trabalho, tendo como linha orientadora as novas normas de redação de trabalhos escritos da Academia Militar, assim como alguns manuais, dos quais se destacam o Guia Prático sobre Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutorado, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada (Sarmiento, 2008), o Manual de Investigação em Ciências Sociais (Quivy & Campehoudt, 1995), e Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos (Sousa, 2005).

1.8 SÍNTESE DE CAPÍTULOS

Com a preocupação de estruturar este TIA numa sequência lógica, o mesmo encontra-se dividido em oito capítulos, onde são expressas às seguintes temáticas:

O **Capítulo 1 Introdução**, começa com um enquadramento, seguindo-se a justificação e delimitação do tema, assim como explicação dos objetivos que se pretendem atingir, aborda ainda a metodologia utilizada.

Seguem-se os **Capítulo 2 e 3 Enquadramento Conceptual**, onde se começa por apresentar a problemática da conflitualidade atual, com as características dos novos teatros, assim como as suas principais ameaças. Segue-se, o **Capítulo 3** relativo as unidades de reconhecimento, bem como as suas características e missões.

Quanto ao **Capítulo 4 Metodologia e Procedimentos**, encontra-se aqui expresso o método de abordagem utilizado, assim como o material e instrumentos utilizados na recolha e os procedimentos de análise de dados.

No que respeita ao **Estudo** temos os **Capítulos 5, 6 e 7** respetivamente.

Em relação ao **Capítulo 5** o estudo recai sobre as unidades de reconhecimento dos EUA, onde se aborda a organização das mesmas os novos materiais, assim como as alterações levadas a cabo na formação dos militares.

O **Capítulo 6** é relativo a alguns estudos de caso onde se observa a experiência militar das unidades de reconhecimento do Exército dos EUA, no teatro de operações do Iraque.

No que respeita ao **Capítulo 7** é feita uma breve comparação entre as possibilidades e limitações, de uma unidade de reconhecimento do Exército Português e uma pertencente ao Exército dos EUA.

Por último, o **Capítulo 8 Conclusões e Propostas**, onde serão apresentadas algumas reflexões finais, assim como recomendações e propostas para futuras investigações.

PARTE I - ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

CAPÍTULO 2

CONFLITUALIDADE ATUAL

2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresenta-se, o tema da conflitualidade atual, que muito preocupa a comunidade internacional, principalmente depois do surgimento de novos teatros de operações como o do Iraque e Afeganistão.

No que diz respeito às ameaças, será feita uma menção aos motivos que levou ao aparecimento de novas formas de luta como o terrorismo.

Uma referência ainda em relação às características dos atuais teatros.

2.2 CONFLITUALIDADE ATUAL

Como afirma o Doutor António Telo¹ (2008, p.1) no caderno do IDN² Nº1 II Série de 2008 “cada época histórica tem um certo tipo de conflito a ela associada, que é tanto mais diferente de outras quanto maior tiver sido a mudança na sociedade e mentalidade”.

Se tivermos em linha de conta a conflitualidade atual, e aquela que ocorreu entre 1945 e 1991, ou seja, durante a Guerra Fria as diferenças são várias.

No período que vai desde o fim da II Guerra Mundial (II GM) até à queda do muro de Berlim e o fim da URSS³, assistiu-se a uma luta pela hegemonia mundial entre os EUA e a URSS duas das potências vencedoras da II GM, o que levou a uma corrida desenfreada ao armamento e ao aparecimento de um sem número de conflitos localizados, em que as

¹ ANTÓNIO TELO- Professor Catedrático de História na Academia Militar, é autor de uma vasta obra no campo da História, Defesa e Relações Internacionais, onde se contam cerca de 20 livros e mais de 120 artigos e colaborações em obras coletivas.

² IDN- Instituto de Defesa Nacional

³ URSS- União de Repúblicas Socialistas e Soviéticas

partes em conflito eram apoiadas por um dos blocos em conflito. Muitos destes conflitos foram iniciados por movimentos independentistas tendo fins políticos, étnicos e religiosos como principal elemento de revolta.

Na opinião do Doutor António Telo, (2008, p.8) existem dois pontos essenciais para afirmar que a conflitualidade que vivemos hoje em dia é diferente da realidade vivida durante o período da Guerra Fria, sendo eles:

“- A conflitualidade, em termos gerais, tende a aumentar nas últimas duas décadas no sistema internacional;

- O número de conflitos de grande intensidade que recorre ao uso frequente de atos de violência organizada de alguma dimensão tende a diminuir”.

Este autor, como forma de justificar a sua opinião, faz referência a treze (13) características que permitem identificar o conflito padrão da atualidade:

“- Cada vez menos conflitos entre estados;

- Extraterritorialidade;

- Intervenções multilaterais;

- Conflitos com muitas partes;

- Agentes não-estatais;

- Baixas fundamentalmente civis;

- Objetivos múltiplos e sobrepostos;

- Operações infocentradas;

- A visibilidade na opinião pública como objetivo operacional central;

- Orgânicas em rede, fluídas e dispersas;

- Combates em zonas urbanas;

- Novos níveis e tipos de conflitualidade;

- Combates “no seio do povo”” (Telo, 2008, p. 9-12).

Estas características podem levar-nos a pensar que os conflitos do tipo tradicional desapareceram, o que não corresponde de todo à realidade. Pelo contrário estes conflitos tornaram-se hoje em dia mais complexos, desenvolvendo um tipo de conflitualidade muito diferente da existente num passado recente (Telo, 2008).

Para o Doutor António Telo (2008) estes 13 pontos não dizem que a estabilidade na conflitualidade atual será alcançada, muito pelo contrário reafirmam que a evolução será cada vez mais rápida num futuro não muito distante.

A mesma ideia é defendida no novo PDE⁴ 3-00 Operações, (2012) onde se afirma que o atual sistema internacional encontra-se em constante mudança a nível local, regional e global, o que por um lado tem criado novos desenvolvimentos e progresso, mas que por outro é gerador de instabilidade e criador de um estado de conflito persistente.

Segundo esta publicação (PDE 3-00, 2012, p.1-5) *“a ciência, às tecnologias de informação e transportes, a aceleração da comunidade económica global e o crescimento da sociedade em rede terão um grande impacto no ambiente operacional, tornando-o muito complexo. Esta complexidade leva a que as operações militares se desenrolem em toda a dimensão do espectro do conflito”*⁵.

⁴ PDE- Publicação Doutrinária do Exército

⁵ Ver anexo A1 e A2.

Esta realidade é observada nos conflitos mais recentes como os que decorrem no Iraque e Afeganistão, onde as mudanças relativamente aos conflitos verificados no período da Guerra Fria são várias.

O conflito de hoje apresenta-se num “ ambiente operacional, para além de continuar a ser violento, assustador, física e mentalmente esgotante, também será um lugar onde ocorrerão crises humanitárias e conflitos provocados pelas condições ambientais. Devido ao aumento da letalidade e do alcance dos sistemas de armas, bem como à tendência dos inimigos e adversários se misturarem com a população, os riscos para os combatentes e não combatentes serão muito maiores. Na sua essência, os conflitos futuros continuarão a ser marcados por elevadas perdas humanas como resultado da hostilidade entre dois opositores e das suas vontades ” (PDE 3-00, 2012, p. 1-5).

Tendo em linha de conta o alcançar dos objetivos previamente definidos pelo poder político, assim como uma paz duradoura e estável, as forças militares devem estar constantemente preparadas para responder e atuar em todo o espectro do conflito. Para que tal aconteça é imperativo que as forças militares adaptem as suas táticas, técnicas e procedimentos ao ambiente operacional em constante mutação que se vive nos dias de hoje. Só atuando desta forma é possível responder de forma apropriada a todas as situações imprevistas que os militares têm que responder (PDE 3-00, 2012).

Quando falamos de conflitualidade torna-se imperativo fazer referência às tarefas de missão tática que são realizadas. Porém, antes de falar neste ponto é importante identificar quais os temas de campanha⁶ presentes no PDE 3-00. São eles: “ Empenhamento Militar em Tempo de Paz, Intervenção Limitada, Apoio à Paz, Guerra Irregular”⁷ (PDE 3-00, 2012, p. 2-4). No que respeita às tarefas de missão tática ou de atividade operacional, o PDE 3-00 (2012, p.2-14) refere que as “ mudanças na natureza da operação e alterações no ambiente operacional podem implicar uma mudança na tipologia ou na sequência da combinação previamente estabelecida”.

Estando as operações tipificadas, em “ Operações Ofensivas, Operações Defensivas, Operações de Estabilização, Operações de Apoio Civil e Tarefas de Transição”⁸ torna-se importante “ uma análise cuidada das capacidades de cada unidade, o emprego de táticas adequadas, e um equilíbrio na divisão de meios atribuídos a cada um dos tipos de operações” (PDE 3-00, 2012, p. 2-19,2-20). No entanto, quando estudada a conflitualidade atual, denota-se que as forças militares podem ter que responder de uma forma simultânea a todo o espectro das operações. Para que tal aconteça é necessário ter em linha de conta os seguintes pontos expressos no PDE 3-00 (2012, p.2-21):

⁶ Temas de Campanha- Representam às características gerais das operações de grande envergadura e não detalham a sua execução. Os temas de campanha de uma operação podem sofrer alterações por razões várias.

⁷ Ver anexo A3.

⁸ Ver anexo A4.

*“-Um claro conceito de operação que expresse o que cada elemento deve fazer e como contribui para a operação;
 -Um sistema de comando flexível;
 -Uma clara compreensão da situação;
 -Recolha e análise de Informação;
 -Operações de reconhecimento e de segurança agressivas;
 -Unidades com composição e articulação facilmente alteráveis;
 -Unidades com agilidade tática;
 -Armas combinadas.”*

Todos estes fatores demonstram que os conflitos que hoje presenciamos são muito mais complexos, com características muito próprias e diferentes daquelas que ocorriam no período da Guerra Fria, o que obriga a um estudo mais profundo, assim como um treino mais intenso e mais diversificado, com vista a dar resposta a todo o tipo de ameaças.

2.3 PRINCIPAIS AMEAÇAS

Quando se faz referência às principais ameaças presentes nos atuais teatros, torna-se desde logo necessário apresentar a sua definição. Assim sendo, para a Organização das Nações Unidas (ONU), ameaça é “qualquer acontecimento ou processo que leva à perda de vida ou à redução de expectativas de vidas humanas em larga escala e que ponha em causa a unidade do sistema internacional, ameaçando a segurança internacional” (Sequeira *apud* UN, 2004, p.48).

Para o Doutor António Telo, o aumento dos níveis de ameaça deve-se (2008, p.5) a uma “imensa explosão das forças não estatais de todo o tipo, algumas delas total ou parcialmente armadas, quase todas vocacionadas para uma atividade de guerra irregular”. Este autor define as forças não estatais como sendo “todo o tipo de forças armadas militares ou civis, que não estão ligadas aos Estados e normalmente se encontram vocacionadas para uma arte militar associada a um qualquer conceito de “guerra irregular” ou para operações acessórias numa guerra regular (o caso das empresas privadas de segurança) ”. Existe, no entanto motivações diferentes que variam consoante as diferentes realidades assim como os objetivos a atingir, pelas

“organizações que querem conquistar o poder por uma atividade armada, às organizações militares ligadas ao narcotráfico (por vezes difíceis de distinguir das anteriores, como os casos da Colômbia e do Afeganistão bem ilustram), os grupos terroristas internacionais com uma qualquer motivação ideológica, os grupos organizados de imigração ilegal que, por vezes, são verdadeiras redes de escravatura com “exércitos” próprios, os grupos de “piratas marítimos” que têm crescido nos últimos anos e provocaram o renascimento, em pleno século XXI, de uma realidade que era associada ao período anterior ao século XIX, as forças irregulares ligadas aos “quase-estados”, os grupos de “senhores da guerra” que se têm desenvolvido recentemente em várias regiões de África, as redes de banditismo

organizado com núcleos armados por vezes muito evoluídos, as empresas privadas de segurança e muitas outras realidades” (Telo, 2008, p.5).

O *Department of Defense* (DoD) (2010) espera que num futuro próximo, tal como hoje os principais focos de instabilidade que desafiam os interesses dos EUA e dos seus aliados continuarão a ser grupos extremistas violentos, com ou sem o apoio de um Estado. Para esta agência governamental, os inimigos dos EUA e dos seus aliados adaptam-se com facilidade ao meio envolvente, e desenvolvem sistemas e táticas que exploram as fragilidades das forças presentes no teatro de operações.

São disto exemplo “a utilização de forma eficaz contra forças dos EUA de *Improvised Explosive Devices* (IED`s), sendo de prever que este tipo de ameaça venha a evoluir o que leva à necessidade de criação de contramedidas como forma de diminuir os seus efeitos. A utilização da insurgência é outra das armas escolhida pelos inimigos dos EUA que tem dado os seus frutos” (QDR, 2010, p.20).

Em relação ao PDE 3-00 as principais causas que contribuem para a instabilidade e conflitualidade atual, que por sua vez alteram a natureza da ameaça:

- “- A globalização;
- A tecnologia;
- As alterações demográficas;
- A urbanização;
- O aumento das necessidades de recursos essenciais;
- As alterações climáticas e as catástrofes naturais;
- A proliferação de armas de destruição massiva (ADM);
- Os Estados falhados” (PDE 3-00, 2012, p.1-1).

O que nos leva afirmar que ameaças são “Estados, organizações, pessoas, grupos ou condições (por exemplo catástrofes naturais), com capacidade para danificar ou destruir vidas humanas, recursos vitais ou instituições” (PDE 3-00, 2012, p.1-6). Existem, assim quatro (4) grandes categorias de ameaças: as tradicionais, irregulares, catastróficas e desestabilizadoras.

Quando falamos de um Estado que emprega de forma convencional as suas capacidades militares estamos a referir-nos às ameaças tradicionais. É também uma verdade quase que absoluta que a maioria dos Estados considerados modernos, otimizou as suas capacidades militares tendo em conta este tipo de ameaça (PDE 3-00, 2012).

Analisando de forma mais atenta os teatros de hoje assim como as suas características, observamos que são empregues métodos e meios não convencionais, tendo em vista a conquista de determinados objetivos. Ao emprego destes métodos por parte da força opositora dá-se o nome de ameaças irregulares, onde “um inimigo ou adversário militarmente mais fraco normalmente recorre à guerra irregular para contrariar as vantagens do mais forte e prolongar o conflito. A guerra irregular utiliza meios de ação como o terrorismo, a subversão e a guerra de guerrilha, acompanhados por iniciativas económicas, diplomáticas, informacionais e culturais” (PDE 3-00, 2012, p.1-6).

Outro dos tipos de ameaças que neste momento, está em foco e que provoca grandes preocupações na comunidade internacional, são as catastróficas, uma vez que dizem respeito à aquisição, posse e emprego de armas de destruição massiva. A posse deste tipo de armamento por parte do opositor seja ele um Estado ou qualquer outro elemento do sistema internacional, possibilita a capacidade de infligir efeitos catastróficos que podem por em perigo a sobrevivência da humanidade, sendo que a “proliferação deste tipo de armamento aumentou o grau de probabilidade de estes meios serem utilizados, comparativamente ao passado” (PDE 3-00, 2012, p.1-6).

O último tipo de ameaças apresentado no PDE 3-00 (2012, p.1-7) são as desestabilizadoras, que “envolvem o desenvolvimento de novas tecnologias que são empregues pelo inimigo ou adversário, com a finalidade de reduzir ou anular as vantagens das nossas forças em determinados domínios operacionais críticos”.

Não se pense no entanto que o emprego destas ameaças é feito de forma isolada, pelo contrário, se tivermos como exemplo os teatros atuais (como o do Iraque e Afeganistão), denota-se que existe uma combinação dos vários tipos de ameaça tendo como objetivos primordiais “criar condições vantajosas às suas intenções, mudando a natureza do conflito e empregando capacidades para as quais as nossas forças estarão menos preparadas” (PDE 3-00, 2012, p. 1-7).

Para o DoD “a ascensão de novas potências, a influência crescente de atores não-estatais, a difusão de armas de destruição em massa, tecnologias com efeitos destrutivos, assim como uma série de tendências emergentes colocam desafios profundos à atual ordem internacional”⁹ (QDR, 2010, p.5).

2.4 CARACTERÍSTICAS DOS ATUAIS TEATROS

Desde a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria tem-se assistido a alterações significativa nas características dos Teatros de Operações, pelo que hoje são as

“organizações extremistas que procurarão assumir o poder dentro de um Estado, empregando depois os meios de comunicação social, a tecnologia, bem como as infraestruturas políticas, militares e sociais em proveito próprio. Para atingir este objetivo as suas operações tendem a evoluir, tornando-se mais sofisticadas e empregando todo o tipo de táticas e técnicas à sua disposição (sejam elas convencionais, não convencionais, irregulares e criminais) tendo como principal objetivo criar condições de instabilidade, procurando afastar o poder legítimo e as suas forças da respetiva população. Uma vez

⁹ Tradução da responsabilidade do autor.

atingido o controlo local, procurarão alargar a sua influência utilizando as redes globais, através de operações de informação (INFO OPS - Information Operations), não se coibindo de empregar a violência sempre que necessário, sendo esta empregue sem limitações de qualquer tipo, sejam elas de ordem moral, humanitária ou outras” (PDE 3.00, 2012, p. 1-7).

Nas palavras do Major *Louis B. Rago*¹⁰ (2002), a força opositora presente nos novos teatros sobrevive utilizando unidades semiautónomas de funcionamento, organizando-se com o objetivo de tirar o máximo partido das suas capacidades, e desta forma reduzir a sua desvantagem em relação às forças militares presentes no teatro.

Sendo, desde logo, a estrutura organizacional diferente da praticada no período da Guerra Fria, o equipamento utilizado por estas novas ameaças não se baseia unicamente no modelo Soviético, mas sim numa “mistura de armas convencionais e equipamentos de várias nações produtoras de armas, incluindo os ex-estados Soviéticos, Europa Ocidental e outros países desenvolvidos, de entre os quais os Estados Unidos”¹¹ (Rago, 2002, p.25).

A utilização de armamento de vários países acarreta alguns problemas, dos quais se destaca a extrema dificuldade na identificação de alvos, seja através de sistemas de vigilância de alta tecnologia, seja pelo homem (Rago, 2002). Este acontecimento que leva a que sejam frequentes os ataques contra postos de comando e controle, nós logísticos, entre outros, combinando a utilização de meios tecnológicos avançados com técnicas típicas de guerrilha ou terrorismo, utilizando armamento com origens diferenciadas.

Segundo o DoD, os EUA têm que manter a preparação e desenvolvimento de capacidades para garantir o sucesso quando desenvolvam operações em “ambientes que vão desde áreas urbanas densamente povoadas, megacidades, terrenos montanhosos, desertos e selvas” (QDR, 2010, p.20).

A experiência vivida pela *Task Force Iron Dukes* em 2004 em *Najaf*, é um bom exemplo das mudanças que se verificam nos teatros atuais. A força opositora com quem a

“Task Force Iron Dukes se deparou em Najaf era constituída por insurgentes treinadas e não treinadas. Os insurgentes treinadas foram organizadas em quatro Companhias, sendo duas destas Companhias empregues na defesa de terreno importante em torno das mesquitas de Ali Shrine e Kufa, enquanto as restantes duas Companhias atuavam como elemento de ataque, operando entre Kufa e Najaf.

Os insurgentes não treinadas percorriam as ruas deferindo ataques contra cidadãos iraquianos e forças da coligação. Para além disso, por toda a cidade pequenos grupos utilizavam mesquitas e escolas como esconderijos ou locais para instalação de morteiros” (White, 2008, p.19).

A organização tida pela força opositora é tal que a identificação de insurgentes no seio da população civil torna-se uma tarefa muito difícil.

¹⁰Major Louis B. Rago- Militar do Exército dos EUA, atualmente no posto de Tenente Coronel, foi Comandante do 77th Armor Regiment em 2008.

¹¹ Tradução da responsabilidade do autor.

2.5 SÍNTESE CONCLUSIVA

Desde a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS, temos assistido a alterações na forma de combater. Hoje em dia, quem combate fá-lo por variadíssimas razões, não apenas por questões independentistas ou políticas, sendo que na sua maioria são grupos armados sem quaisquer ligações a um Estado.

Outra das alterações notadas prende-se com o facto de estes grupos armados utilizarem de forma indiscriminada, armamento de diferentes origens, o que torna a sua identificação mais difícil.

Um outro ponto prende-se com o deslocar dos combates para terrenos mais complexos, tais como grandes centros urbanos, o que leva ao aumento do número de baixas civis, facto aproveitado pelos grupos armados para influenciar a opinião pública em proveito próprio.

Todas estas alterações levam-nos a dizer que estamos numa nova fase dos conflitos, com características muito específicas, onde o conhecimento detalhado dos teatros adquire um papel muito relevante.

CAPÍTULO 3

UNIDADES DE RECONHECIMENTO

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo falaremos das unidades de reconhecimento, assim como das missões que estas unidades realizam, dando ênfase às missões de reconhecimento e segurança. Por fim será apresentada uma breve referência às principais características destas unidades.

3.2 UNIDADES DE RECONHECIMENTO

São muitos os autores que defendem que nos encontramos neste momento numa nova fase dos conflitos militares, intitulados de “*Guerra da Informação*”¹². Isto traduz-se numa necessidade cada vez maior de recolha de informação, uma vez que só assim se consegue mais facilmente perceber o “ambiente operacional, inimigo, terreno e considerações de âmbito civil” (PDE 3-00, 2012, p.2-29).

Todo o comandante tem necessidade de saber o que se passa a todo o momento, por

isso “*o processo de recolha e obtenção de informação é um processo contínuo que envolve a análise do material recolhido de todas as fontes e a condução de operações que visam o desenvolvimento da situação. Incluindo as seguintes tarefas:*

- Apoio à geração de forças;
- Apoio à compreensão da situação;
- Apoiar o processo de targeting e as operações de informações;
- Conduta de operações de informações, vigilância e reconhecimento.” (PDE 3-00, 2012, p.2-29).

O emprego de unidades de reconhecimento deve acontecer em estreita ligação com o ciclo de produção de informação e integrado com o plano de Informação, Vigilância e Reconhecimento (IVR) ” (PDE 3-00, 2012, p.10-1). A quase totalidade das unidades tem

¹² Guerra da Informação “conjunto de ações que visam preservar a integridade dos nossos sistemas de informação, evitando a sua exploração, corrupção ou destruição, por parte de adversários e, simultaneamente executar ações que permitam explorar, corromper ou destruir os sistemas de informação dos adversários, obtendo-se assim vantagem de informação, no âmbito político, económico ou militar” (Adaptado por Carlos Ribeiro, “A Guerra de Informação” in Seminário Portugal e a Transformação na Segurança e Defesa, Academia Militar, 21 de Maio de 2003).

capacidade de reconhecimento, no entanto, existem unidades especialmente organizadas e preparadas para realizar estas tarefas (PDE 3-00, 2012).

O ambiente operacional atual, devido à sua complexidade, exige que as unidades de reconhecimento tenham uma organização multidisciplinar, sejam flexíveis, ágeis e estejam convenientemente equipadas para fornecer informações precisas, oportunas e relevantes ajudando na tomada de decisão por parte do comandante (FM 3-20.971, 2009).

A organização e equipamento das unidades de reconhecimento devem ser de tal modo que permitam satisfazer os requisitos de informação (IR), e responder aos requisitos de informações críticas do comandante (CCIR), permitindo que o mesmo tome decisões mais rapidamente (FM 3-20.971, 2009).

3.3 MISSÕES DAS UNIDADES DE RECONHECIMENTO

As unidades de reconhecimento, devido às suas características muito próprias estão especialmente vocacionadas para realizar operações de reconhecimento, podendo realizar operações de segurança e economia de forças.

Segundo o FM 3-00 (2012, p.10-1) “as tarefas de reconhecimento destinam-se a obter notícias através da obtenção visual ou outros meios de deteção, relativas às atividades e recurso do inimigo e outros adversários, bem como obter dados sobre as características meteorológicas, hidrográficas ou geográficas de uma determinada área”.

No que respeita ao reconhecimento existem diferentes tipos de operações de reconhecimento, que são:

- Reconhecimento de itinerário;
- Reconhecimento de zona;
- Reconhecimento de área;
- Reconhecimento em força.

O reconhecimento de itinerário, consiste em orientar o esforço de reconhecimento para uma linha de comunicação específica, com o objetivo de recolher informações sobre o itinerário assim como o terreno adjacente que pode influenciar o movimento das nossas forças.

A definição apresentada no FM 3-20.971 (2009, 3-22) diz que o “reconhecimento de itinerário traduz-se no esforço dirigido para a obtenção de informações ao longo de um itinerário específico e o seu terreno adjacente a partir do qual o movimento das nossas forças pode ser influenciado, de acordo com a intenção do comandante. Este tipo de reconhecimento tem um ponto de partida assim como um ponto final. O reconhecimento de itinerário é realizado com o intuito de analisar a traficabilidade assim como a existência de obstáculos e forças inimigas. Este tipo de reconhecimento pode

ser realizado tanto como missão única ou como tarefa adicional durante um reconhecimento de zona”¹³.

O reconhecimento de zona é orientado para a obtenção de informações sobre as vias de comunicação, obstáculos, terreno e forças inimigas numa determinada zona específica. Este tipo de reconhecimento pode incluir vários outros tipos de reconhecimento tais como o reconhecimento de itinerário e/ou de área. Devido a estes fatores e ainda por ser conduzido numa área muito extensa torna-se um processo bastante demorado.

No FM 3-20 971 (2009, p.3-9) define-se reconhecimento de zona, como sendo

“o esforço direcionado para obter informações detalhadas sobre o terreno, inimigo, população e infraestruturas de acordo com a intenção do comandante. Este reconhecimento é conduzido dentro de uma zona delimitada. O reconhecimento de zona é executado quando a situação sobre o inimigo é vaga, ou quando às informações sobre o terreno e a traficabilidade são limitadas.

O reconhecimento de zona leva mais tempo a ser executado do que qualquer outra missão de reconhecimento, pois a quantidade de informação a ser recolhida é superior. Neste tipo de reconhecimento o comandante deve assegurar que atribui o tempo necessário assim como os meios, para realização da missão, podendo acelerar o esforço de reconhecimento diminuindo o número de tarefas a serem realizadas, mas aumentando o grau de risco”¹⁴.

No que diz respeito ao reconhecimento de área, este tem como objetivo a obtenção de informações detalhadas sobre o terreno ou atividades da força opositora, numa determinada área específica que pode ser desde uma povoação até uma instalação específicas.

Define-se reconhecimento de área como sendo *“o esforço direcionado para obter informações detalhadas sobre o terreno, inimigo, população e infraestruturas de uma área específica de acordo com a intenção do comandante. O objetivo de um reconhecimento de área é, no entanto, relativamente menor que de um reconhecimento de zona, sendo desta forma de realização mais rápida. Os objetivos de um reconhecimento de área podem ser uma aldeia ou pequena cidade, instalações tais como centrais de tratamento de água, locais de armazenamento de armas, sedes políticas, locais de importância tática, áreas suspeitas, aeroportos entre outros”¹⁵* (FM 3-20.971, 2009, p.3-17).

Por fim surge o reconhecimento em força que desde logo se mostra diferente de todos os anteriores tipos de reconhecimento, uma vez que geralmente é executado para obter informações sobre o inimigo e não sobre o terreno. A finalidade é descobrir ou testar o potencial inimigo, dispositivo e reações. Tem como objetivo determinar as fraquezas do inimigo para as poder explorar. “É um reconhecimento agressivo, conduzido como uma operação ofensiva em busca de commander’s critical information requirements (CCIR) ” (FM 3-20.971, 2009, p.3-27).

No que diz respeito às operações de segurança são as que *“identificam os elementos essenciais de informação e avaliam o risco de o adversário obter informações. Esta análise compara as capacidades do sistema de informações do adversário, com as vulnerabilidades no sistema de comunicações e atividades desenvolvidas por forças amigas. A análise centra-se nas informações críticas que o adversário pode interpretar a tempo de*

¹³ Tradução da responsabilidade do autor.

¹⁴ Tradução da responsabilidade do autor.

¹⁵ Tradução da responsabilidade do autor.

as podem usar em seu proveito. Uma vez identificadas as vulnerabilidades das forças amigas, criar medidas que reduzam essas vulnerabilidades através das operações de segurança. Em alguns casos as contramedidas encontradas não reduzem o risco, mas pode reduzi-lo a um nível aceitável. As operações de segurança incluem segurança física e contra informação. A segurança física inclui proteção de pessoas, equipamentos e informações impedindo o acesso não autorizado. Contra informação protege contra espionagem, sabotagem e combate operações de informação do adversário”¹⁶ (FM 3-00, 2008, p.7-7).

Estas operações têm como finalidade evitar a surpresa e reduzir a incerteza, sendo necessário para isso levar a cabo reconhecimentos contínuos. Podem ser realizadas operações de segurança à frente, na retaguarda e nos flancos de uma força.

Existem cinco (5) tipos de operações de segurança, sendo elas:

- Vigilância;
- Guarda;
- Cobertura;
- Segurança de área:
 - Segurança de itinerário;
 - Escolta;
- Segurança local.

No que diz respeito à missão de vigilância, o FM 3-20.971 (2009, p.4-4) afirma que *“uma força com a missão de vigiar, garante o alerta oportuno a força protegida. Este tipo de operação de segurança é apropriada quando existem flancos extensos, existem falhas entre as unidades e não é garantida a segurança entre elas, ou quando as falhas entre as unidades não são consideradas críticas pelo comandante. O comandante normalmente atribui este tipo de missão às unidades de reconhecimento, quando necessita de tempo para dar resposta a um ataque adversário”¹⁷.*

Ou seja, uma força com a missão de vigiar tem que garantir o aviso oportuno, impedindo desta forma que a força opositora consiga obter a surpresa. Este tipo de operação é apropriado quando existem flancos muito extensos, e existem brechas entre as forças. A missão de vigiar é de natureza defensiva sendo que normalmente só se combate em autodefesa.

Quando é dada a missão de guardar a uma força, é dito à unidade que executa essa missão para proteger uma força principal, combatendo, observando, informando e impedindo a observação por parte do adversário.

“A operação de segurança de guarda tem como principal tarefa, proteger o corpo principal, lutando para ganhar tempo enquanto observa e transmite informações, prevenindo ainda de observação terrestre e fogos diretos contra o corpo principal por parte do adversário. Difere da vigilância pois a força de guarda atua dentro do alcance das armas de tiro indireto do corpo principal, combate quando é necessário garantir a liberdade de manobra ou proteger o corpo principal.

¹⁶ Tradução livre da responsabilidade do autor.

¹⁷ Tradução livre da responsabilidade do autor.

*A força de guarda impede a observação terrestre e fogos diretos contra a força principal, realizando ataques, defendendo e retardando o adversário*¹⁸ (FM 3-20.971, 2009, p.4-27).

Uma guarda pode ser de natureza ofensiva ou defensiva e normalmente é empregue quando:

“- O contacto é esperado;
- Existe um flanco exposto ou uma força inimiga na retaguarda;
- A força protegida está a realizar uma operação retrógrada;
- Existe necessidade de maior proteção que na vigilância”¹⁹ (FM 3-20.971, 2009, p.4-24).

Uma força de cobertura tem como tarefa principal proteger o corpo principal. Para a realização deste tipo de operações a força necessita ser autossuficiente, uma vez que atua a uma distância considerável em relação ao grosso da força.

*“A cobertura é um tipo de operação de segurança cuja tarefa principal é proteger o corpo principal, combatendo para ganhar tempo enquanto observa e transmite informações, prevenindo ainda de observação terrestre e fogos diretos contra o corpo principal por parte do adversário. Uma força de cobertura impede fogos indiretos e diretos, observação direta por parte do adversário contra o corpo principal através de reconhecimento, ataques, defesa e retardamento. Uma força com a missão de cobertura realiza todas as tarefas de vigilância e guarda. Ao contrário de uma força com a missão de vigilância ou guarda, as forças que realizam a tarefa de cobertura são auto suficientes capazes de operar independentemente do corpo principal. Uma força de cobertura, ou parte dela, entra em confronto com forças adversárias, pelo que a mesma tem que possuir o poder de combate necessário para enfrentar o adversário e ainda cumprir a sua missão*²⁰ (FM 3-20.971, 2009, p.4-27).

A segurança de área vem definida no FM 3-20.971 (2009) como sendo uma operação de segurança que tem como finalidade proteger forças amigas, instalações, itinerários ou uma área específica contra ações opositoras. A segurança de área implica a realização de reconhecimento, para a ocupação de uma área ou edifício, estabelecendo um perímetro, se necessário em todas as direções.

Dentro da segurança de área temos como tarefas principais a segurança de itinerário e escolta.

*Relativamente a segurança de itinerário o “seu propósito é impedir o ataque ou destruição de um itinerário por parte de forças opositoras. A segurança de itinerário impede ainda que existam interrupções de tráfego, colocação de obstáculos ou destruição de partes do itinerário. Este tipo de missão é de natureza defensiva e ao contrário das operações de vigilância são orientadas para uma área específica”*²¹ (FM 3-20.971, 2009, p.4-31).

No que diz respeito a missão de escolta, “são realizadas quando as forças amigas disponíveis ao longo da linha de comunicações são insuficientes. Este tipo de missão pode ser realizado em conjunto com operações de segurança de itinerário. Uma escolta funciona

¹⁸ Tradução livre da responsabilidade do autor.

¹⁹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

²⁰ Tradução livre da responsabilidade do autor.

²¹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

para a frente, flancos e retaguarda de um elemento em movimento ao longo de um percurso designado”²² (FM 3-20.971, 2009, p.4-32).

No que concerne às operações de segurança temos ainda a segurança local, que inclui todas as medidas tomadas contra ações por parte do adversário. A segurança local evita a surpresa e mantém a iniciativa, inclui identificar toda e qualquer adversário na área de operações (FM 3-20.971, 2009).

Quando nos referimos as operações de economia de forças realizadas pelas unidades de reconhecimento, deve ter-se em atenção que poderão ser de natureza ofensivas ou defensivas.

Relativamente às operações ofensivas *“o principal objetivo das mesmas é derrotar, destruir ou neutralizar forças inimigas. Operações ofensivas também são realizadas para proteger terreno decisivo, privar o inimigo de recursos, adquirir informações, para enganar ou desviar o inimigo, para fixar o inimigo, para interromper o seu ataque ou para criar condições para o sucesso de uma futura operação”* (FM 3-20.971, p.5-2, 2009).

No que respeita às operações defensivas o seu principal objetivo é criar condições para que se passe à ofensiva. No entanto as unidades de reconhecimento podem ainda ter como finalidade:

- “-Impedir ou anular operações ofensivas inimigas;*
- Ganhar tempo;*
- Guardar terreno chave,*
- Realizar economia de forças,*
- Proteger população, infra estruturas e áreas críticas;*
- Recolher informações.”* (FM 3-20.971, p.5-19, 2009).

As unidades de reconhecimento, pelas suas características podem ainda realizar uma grande variedade de outras missões tais como operações de estabilização e resposta a crise. Em relação a este tipo de missões, o emprego de unidades de reconhecimento é por muitos tido como o que oferece mais garantias, pois as mesmas tem um conjunto de capacidades como proteção, blindagem e poder de fogo que permite a sua utilização em qualquer tipo de missão.

3.4 CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES DE RECONHECIMENTO

As unidades de reconhecimento têm características que as tornam capazes de realizar um vasto conjunto de operações. Pode-se afirmar que são forças de manobra de armas combinadas, capazes de executar reconhecimentos próximos e afastados, vigiar frentes extensas e proteger unidades de escalão superior, manter o contacto com o inimigo

²² Tradução livre da responsabilidade do autor.

ou a ligação entre forças amigas, retardar o inimigo, defender por períodos limitados determinados pontos ou áreas do terreno, conduzir ataques de diversão ou de desgaste, conduzir ações de segurança da área da retaguarda e executar golpes de mão na retaguarda (PDE 3-00, 2012).

Tendo em conta as características das unidades de reconhecimento, estas são capazes de reunir informações sobre ameaças multidimensionais, os pelotões de reconhecimento são capazes de empregar de forma sincronizada sistemas de vigilância e tropa apeada, podem derrotar, enganar ou destruir o inimigo ao mesmo tempo que empregam sistemas de vigilância, realizam reconhecimentos furtivos e operações de segurança, reduzem o risco e aumentam a capacidade de sobrevivência da unidade para a qual trabalham, podem lutar pela informação dependendo das características do inimigo, efetuam pedidos de fogos e regulam os mesmos (FM 3-20.971).

3.5 SÍNTESE CONCLUSIVA

Encontramo-nos numa Era em que as necessidades de informação por parte do comandante são cada vez maiores, o que leva as unidades de reconhecimento a assumir uma maior importância, uma vez que são estas forças as primeiras responsáveis por reunir as informações necessárias para a tomada de decisão do comandante.

As unidades de reconhecimento são especialmente vocacionadas para realização de operações de reconhecimento, no entanto, e graças às suas características são ainda capazes de realizar operações de segurança, economia de forças, (ofensivas, defensivas) estabilização e de resposta a crise.

Tendo em conta a realidade vivida nos atuais teatros de operações, assim com as características das unidades de reconhecimento, o emprego das mesmas perfila-se como sendo o que dá mais garantias, uma vez que o conjunto de missões que as mesmas conseguem realizar é muito superior quando em comparação com outro tipo de unidades.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo faz-se uma abordagem à metodologia e procedimentos utilizados na realização deste trabalho. Este capítulo relata qual o método de abordagem utilizado, identifica como se procedeu à recolha de dados, assim como quais os materiais e instrumentos utilizados e quais os procedimentos de análise durante a investigação. Por fim faz-se uma pequena síntese conclusiva do capítulo em análise.

4.2 MÉTODO DE ABORDAGEM

Para Sarmento, (2008, p.3) ”a investigação pode definir-se como sendo o diagnóstico das necessidades de informação e seleção das variáveis relevantes sobre as quais se irão recolher, registar e analisar informações válidas e fiáveis”.

Tendo em conta a anterior afirmação e as especificidades da temática em estudo, na realização deste relatório científico foi utilizado o método de investigação científica dedutivo, o qual para Sarmento (2008, p.5) “se baseia num raciocínio que parte do geral para o particular”. Para Marilda Ciribelli (2003, p.39) o método científico traduz-se no “conjunta de proposições particulares contidas em verdades universais”.

Relacionando o pensamento das duas autoras podemos dizer que o método dedutivo utiliza parte de uma ideia geral tida como verdadeira e aceite pela comunidade científica, utilizando uma escala de conhecimento chega-se a um conhecimento particular. “A questão fundamental da dedução está na relação lógica que deve ser estabelecida entre as proposições apresentadas, a fim de não comprometer a validade da conclusão” (Mezzaroba, Monteiro, 2003, p.65).

Para Salomon (2006) no método dedutivo, se as premissas são verdadeiras as conclusões retiradas das mesmas devem também elas ser consideradas verdadeiras aos olhos da comunidade académica.

4.3 RECOLHA DE DADOS

Para Tuckman (2000) existem três (3) tipos de fontes de obtenção de dados que podem ser utilizados num estudo: entrevistas, documentos vários e ainda através de observação.

Neste estudo, a recolha de dados foi através da análise de documentos vários dentro da temática em questão, assim como através de entrevistas a pessoas com conhecimento de causa.

No que diz respeito à análise de documentos, foram tidos em conta *Field Manuals* do Exército dos EUA, Publicações Doutrinárias do Exército, Monografias realizadas na *School of Advanced Military Studies* do Exército dos EUA, publicações do *Department of Defense* dos EUA, artigos publicados em revistas da especialidade, livros de vários autores, entre outros.

Quanto às entrevistas, foram individuais semiestruturadas, uma vez que os entrevistados respondiam às perguntas do guião, mas introduziram novos temas relacionados (Sarmiento, 2008).

4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Segundo afirma Quivy, (2008, p.216) “a análise das informações compreende múltiplas operações, mas três delas constituem, em conjunto, uma espécie de passagem obrigatória: primeiro, a descrição e a preparação (agregada ou não) dos dados necessários para testar as hipóteses; depois, a análise das relações entre as variáveis; por fim, a comparação dos resultados observados com os resultados esperados a partir da hipótese”.

Tendo como referência as palavras de Quivy podemos dizer que a fase da descrição diz respeito à recolha de dados. Na fase de análise de dados procedemos à leitura de todos os documentos obtidos, e à reunião dos materiais em estudo. Por fim foi feita a comparação dos resultados.

4.5 MATERIAIS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

No que diz respeito aos materiais utilizados, na sua maioria foram documentos presentes nas bibliotecas da Academia Militar, Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM) e do Regimento de Cavalaria Nº6 (RC6) assim como vários documentos presentes em revistas da especialidade, tais como a *Military Review*, *Armour*, *Jane's*, Revista da Brigada de Intervenção, Revista da Cavalaria, Revista do Regimento de Cavalaria Nº6, entre outras. Foram ainda visitadas algumas bibliotecas *online* das quais se destaca a do Exército dos EUA.

4.6 SÍNTESE CONCLUSIVA

Este capítulo começa por falar no método de abordagem escolhido para a realização do trabalho, o dedutivo. Segue-se a recolha de dados e como a mesma foi feita. O ponto seguinte prende-se com os procedimentos de análise e as três fases, obrigatórias para realização de um trabalho científico. No último ponto referem-se os materiais e instrumentos utilizados para recolha e redação dos dados.

PARTE II - ESTUDO

CAPÍTULO 5

UNIDADES DE RECONHECIMENTO DOS EUA

5.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda a realidade das unidades de reconhecimento do Exército dos EUA, tendo especial atenção à organização e equipamento dos seus esquadrões de reconhecimento, assim como as alterações introduzidas na formação dos militares do reconhecimento.

5.2 UNIDADES DE RECONHECIMENTO DO EXÉRCITO DOS EUA

Quando nos referimos a unidades de reconhecimento dos EUA, torna-se imperativo falar da terminologia utilizada neste país para identificar estas unidades. Assim sendo, temos o termo *reconnaissance* aplicado aos esquadrões de reconhecimento pertencentes às *Heavy Brigade Combat Team* (HBCT), *Infantry Brigade Combat Team* (IBCT), *Stryker Brigade Combat Team* (SBCT) e *Battlefield Surveillance Brigade* (BFSB), e o termo *cavalry* referente aos esquadrões de reconhecimento que equipam os *Armored Cavalry Regiment* (ACR) (FM 3-20.971, 2009).

Também no que diz respeito à organização e material, todos os esquadrões são constituídos e equipados de forma a serem móveis, com orgânicas flexíveis para melhor cumprirem as missões do reconhecimento, à exceção dos esquadrões que fazem parte dos ACR, cuja orgânica contempla pelotões de carros de combate que fornecem maior proteção e sobrevivência em operações de segurança e economia de forças (FM 3-20.971, 2009).

Como refere o FM 3-20.971 (2009, p.1-6) “os esquadrões de *reconnaissance* ou *cavalry* como os “olhos e ouvidos” do comandante, fornecem as informações que este

necessita para conduzir o seu planeamento e melhor visualizar a área de operações (AO). Estas unidades habitualmente conduzem operações de reconhecimento e segurança recolhendo informações sobre a localização, dispositivo, composição do inimigo e dados do campo de batalha tais como hidrografia, meteorologia e características do terreno”²³.

Para o *Sergeant First Class Frank R. Belonus*²⁴ (2002, p.20) quando falamos de reconhecimento à que fazer a separação em dois tipos: um utilizado nas unidades de reconhecimento das IBCT, nos esquadrões Reconnaissance Surveillance and Target Aquisition (RSTA) das SBCT e nas unidades ligeiras da BFSB que realizam uma vigilância passiva, utilizando células de informações (HUMINT), e uma interação entre os meios tecnológicos e o homem. Estas unidades, têm como principal preocupação a recolha de informação e como não têm grande capacidade para combater evitam ao máximo o contacto, empenhando-se na sua própria defesa.

Por outro lado, o reconhecimento presente nos ACR e nos esquadrões de reconhecimento das HBCT, que são forças mais pesadas com maior poder de fogo e proteção, têm capacidade para lutar pela informação.

Como afirma o Tenente Coronel *J. Bryan Mullins*²⁵ (2004) na sua monografia, existem dois tipos de reconhecimentos: o pesado, capaz de lutar pela informação, com capacidade para realizar operações de economia de forças e de segurança, e o ligeiro, orientado para a recolha de informação.

No entanto, o Coronel *Haszard*²⁶ afirma que quer *reconnaissance* quer *cavalry* sempre enfrentaram situações onde é necessário lutar por informação, afirmando que a qualidade da informação é “inversamente proporcional à distância entre o soldado e o solo”. Assim para a realização de um reconhecimento eficaz é necessário ter tropa apeada na área a reconhecer (Barteky²⁷.apud Haszard, 2003, p.27).

Tendo em conta as características dos atuais teatros onde os EUA se encontram, existem vozes que se levantam, dizendo que é necessário proceder desde já a uma reorganização das forças de reconhecimento, tendo como intuito capacitar as mesma de meios que possibilitem, se necessário, lutar pela informação.

²³ Tradução livre da responsabilidade do autor.

²⁴ Sergeant First Class Frank R. Belonus- Alistou-se no Exército dos EUA em 1986, tendo a especialidade 19D exploração. Serviu em unidades ligeiras e mecanizadas, incluindo o 5-73rd Armor, 1-10th Cavalry, 194th Armored Brigade, Fort Knox, 3/11th ACR, Alemanha, 2-9th Cavalry, 4th Cavalry, 1st ID (M) Fort Riley Kan, Seattle Recruiting Battalion e 1-34th Armor, Fort Riley Kan. Esteve ainda na ANCOC, Master Gunner School, Pathfinder School e Air Assault School. Atualmente desenvolve e escreve para Cavalry Doctrine, Directorate of Training and Doctrine Development (DTDD) Fort Knox.

²⁵ Tenente Coronel J. Bryan Mullins- Comandante do 2 Squadron 3rd Armored Cavalry Regiment. Redator da monografia com o título “Defining the Core Competencies of U. S. Cavalry”.

²⁶ Coronel “Hap Haszard- Lendário homem do reconhecimento na II Guerra Mundial.

²⁷ Sergeant First Class Andrew L. Barteky- A sua formação militar inclui o Scout Leader Course e Advanced Noncommissioned Officers Course. Durante a sua carreira prestou serviço como Sargento de Pelotão E/3d/17th ACR.

Na opinião do Major *Daniel L. Davis*²⁸, (2008, p.33) “*para efetivamente executar a dupla missão de reconhecimento e segurança no ambiente de ameaça atual, devemos alterar a nossa organização nas unidades de reconhecimento*”, pois, “*quando se projeta uma organização de combate, é importante ter em conta a situação mais perigosa que essa organização pode algum dia enfrentar, e se algum dia isso ocorrer há que garantir a sobrevivência e o sucesso da força no cumprimento da missão*”²⁹.

Num futuro com um ambiente e força opositora desconhecida, as unidades de reconhecimento terão de ser capazes de conduzir não só missões de reconhecimento e vigilância, mas também todo o tipo de operações de segurança (Davis, 2008).

5.2.1 ORGANIZAÇÃO

Mullins (2004) afirma que, segundo a tradição militar alemã de *Guderian*, é frequente a constituição de unidades de reconhecimento tendo em vista missões específicas.

Como já referimos anteriormente, existem no Exército dos EUA vários tipos de organizações no reconhecimento, que variam de acordo com as características da área de operações, assim como a satisfação de requisitos de informação (IR) e principalmente para dar resposta aos *Commander Critical Information Requirements* (CCIR) (FM 3-20.971, 2009).

5.2.1.1 PESSOAL

No que concerne ao pessoal e como apresentado na tabela 1, as diferenças entre os esquadrões de reconhecimento pertencentes aos diferentes grupos de reconhecimento, que fazem parte das diferentes brigadas são as seguintes:

²⁸ Major Daniel L. Davis- A sua educação militar inclui o Armor Captain Career Course, Field Artillery Officer Basic Course, Combined Arms and Services Staff School e U. S. Army Command and General Staff College. Serviu como XO 1st Squadron, 1st U.S. Cavalry, Buedinger, Alemanha, entre outras.

²⁹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

Tabela 1: Relação do pessoal nos diferentes esquadrões de reconhecimento do Exército dos EUA.

	Secção Comando	Pel Rec	Pel CC	Secção Sniper	Secção Man	Secção Mort	Total
ACR	15	36 (x2)	16 (x2)		17	9	145
HBCT	13	30 (x2)				9	82
IBCT (Moto)	12	18 (x3)				9	75
IBCT (Desm)	12	28 (x2)		7		6	74
SBCT	13	21 (x3)				12	88
BFSB	10	18 (x3)					64

Podemos observar que os esquadrões pertencentes aos ACR se destacam em termos de pessoal, perfazendo um total de cento e quarenta e cinco elementos. Estes números devem-se em muito ao facto de cada esquadrão ter quatro pelotões, sendo dois de reconhecimento, com trinta e seis elementos, e dois de carros de combate com dezasseis elementos. Outro dos pontos, prende-se com o facto de estes esquadrões possuírem uma secção de manutenção com dezassete elementos, o que não acontece em mais nenhuma orgânica.

Quanto aos esquadrões de reconhecimento pertencentes às HBCT, os mesmos têm oitenta e dois elementos, sendo que treze pertencem à secção de comando, nove elementos fazem parte da secção de morteiros, e por fim temos dois pelotões de reconhecimento de trinta elementos.

Comparando os esquadrões de reconhecimento motorizados com os apeados, pertencentes às IBCT, a diferença é de um elemento. Nos motorizados existem setenta e cinco elementos enquanto nos esquadrões de reconhecimento Apeado o total desce para setenta e quatro elementos.

Relativamente aos esquadrões de reconhecimento pertencentes às SBCT, os totais apresentados são de oitenta e seis elementos. Destes treze fazem parte da secção de

comando e doze da secção de morteiros. Os restantes encontram-se distribuídos pelos três pelotões de reconhecimento, com vinte e um elementos cada.

Como refere, o FM 3-20.971 (2009, p.1-7) “ *os esquadrões de Reconnaissance e Cavalry estão organizados para conduzir operações de reconhecimento e segurança na Área de Operações do grupo de reconhecimento. Utilizando a tecnologia e as capacidades de reconhecimento aéreo/terrestre em terrenos complexos, os esquadrões desenvolvem a situação focando-se na multidimensionalidade e ameaças assimétricas presentes na AO* ”³⁰.

5.2.1.2 EQUIPAMENTO E MATERIAL

Relativamente ao equipamento e material dos esquadrões de reconhecimento do Exército dos EUA, as diferenças são várias, tendo em conta as suas características.

No que concerne aos esquadrões de reconhecimento dos ACR, os seus pelotões de reconhecimento estão equipados com viaturas *Bradley M3A3 Cavalry Fighting Vehicles*³¹ (CFV), guarnecidas com canhão M242 de 25mm, metralhadora coaxial M240C 7,62mm e sistema míssil *TOW*. Já os pelotões de carros de combate são constituídos por M1A2 *Abrams*³² equipado com canhão M256A1 de 120mm, metralhadora M2HB .50mm e metralhadora coaxial M240C 7,62mm. A secção de morteiros possui duas viaturas *A3 Bradley Mortar Vehicle*³³ (BMV). A conjugação dos carros de combate M1A2 *Abrams* juntamente com as *Bradley*, garantem a esta unidade o poder de fogo e capacidade de sobrevivência em todo o espectro de operações (FM 3-20.971, 2009).

Quanto aos esquadrões de reconhecimento das HBCT, os mesmos têm com equipamento principal dos seus pelotões de reconhecimento as *Bradley M3A3 CFV*, com armamento similar às *Bradley* que equipam os pelotões de reconhecimento dos ACR aspeto que “ abona esta unidade do poder de fogo, mobilidade e capacidade de sobrevivência em todo o espectro de operações ” (FM 3-20.971, 2009, p.1-12). Assim como viaturas M1114 *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle*³⁴ (HMMWV), equipadas

³⁰ Tradução livre da responsabilidade do autor.

³¹ *Bradley M3A3 CFV*- Veículo blindado de lagartas utilizado pelas unidades de reconhecimento das HBCT e ACR. Esta viatura é uma das variantes da família *Bradley* que foi introduzida nas forças armadas dos EUA em 1981. Esteve presente na Operation Desert Storm e Operation Iraqi Freedom.

³² M1A1 *Abrams*- O M1A1/A2 é um carro de combate pesado fabricado pela General Dynamics Land System, que equipa atualmente o Exército e Marines dos EUA. Estes carros de combate estiveram em operações na 1ª Guerra do Golfo, Guerra do Afeganistão e 2ª Guerra do Golfo.

³³ *Bradley Mortar Vehicle*- Viatura da família *Bradley*, que garante o apoio de fogo as unidades de manobra. Esta viatura tem capacidade para transportar 115 munições de 120mm o que possibilita um apoio de fogo contínuo às unidades de manobra.

³⁴ M1114 *HMMWV*- Uma das variantes do sistema *HMMWV* equipado com sistema *TOW*. As viaturas *HMMWV* equipam um grande número de países, de entre os quais Portugal.

com *Long Range Advance Scout Surveillance System*³⁵ (LRAS3) e lança granadas MK-19 .40mm. A secção de morteiros é constituída por duas viaturas A3 BMV e uma viatura M1152 HMMWV³⁶.

No que respeita aos esquadrões de reconhecimento motorizados das IBCT, os seus três pelotões são guarnecidos com quatro viaturas M1114 HMMWV, com equipamento equivalente ao dos pelotões de reconhecimento das HBCT, acrescidos de duas viaturas M1115 HMMWV apetrechadas com sistema míssil *TOW* e metralhadora M240 7,62mm. A secção de morteiros, é constituída por duas viaturas M1152 HMMWV com morteiro M120, 120mm e uma viatura que serve de posto de controlo de tiro (FM 3-20.971, 2009).

Relativamente aos esquadrões de reconhecimento Apeado das IBCT, constituídos por dois pelotões, bem como a secção sniper, são equipados com viatura M1152 HMMWV com grande capacidade de transporte de pessoal, o que possibilita a realização de reconhecimentos apeados em apoio a forças motorizadas (FM 3-20.971, 2009). Em relação à secção de morteiros a mesma é equipada com dois morteiros 60mm e um posto de controlo de tiro.

No que respeita aos esquadrões de reconhecimento das SBCT, os seus pelotões são constituídos por duas viaturas *Striker Reconnaissance Vehicle*³⁷ (RV), equipadas com lança granadas MK-19 .40mm, metralhadora M240 7,62mm, sistema míssil *Javelin*³⁸ e LRAS3, enquanto as restantes duas viaturas que fazem parte do pelotão possuem, em substituição do lança granadas, uma metralhadora M2HB .50mm, mantendo o restante equipamento. A secção de morteiros é guarnecida com duas viaturas *Stryker Mortar Carrier*³⁹ (MC), com morteiro M121 120mm e metralhadora M2HB .50mm, assim como um posto controle de tiro.

Por fim temos os esquadrões de reconhecimento pertencentes à BFSB, com pelotões equipados com seis viaturas M1114 HMMWV, das quais três são guarnecidas com metralhadora M2HB .50 mm, sistema míssil *Javelin* e LRAS3, tendo as restantes equipamento semelhante ao encontrado nos pelotões de reconhecimento Motorizados das IBCT.

³⁵ LRAS3- É um sistema multisensores de longo alcance que fornece em tempo real ao Reconhecimento do Exército dos EUA a capacidade de detetar, reconhecer, identificar e geo localizar objetivos.

³⁶ M1152 HMMWV- Uma das variantes do sistema HMMWV, utilizada no transporte de pessoal.

³⁷ Stryker RV- Striker Reconnaissance Vehicle é uma plataforma capaz de efetuar reconhecimentos, recolher informações e conduzir operações de segurança.

³⁸ Javelin- Javelin Anti Tank Guided Missile System é um míssil guiado construído para destruir viaturas militares.

³⁹ Stryker MC- Stryker Mortar Carrier fornece o apoio de fogos preciso e letal.

Tabela 2: Relação de viaturas nos diferentes esquadrões de reconhecimento dos EUA.

	Pel Rec	Pel CC	Sec Mort	Total
ACR	6 CFV (x2)	4 Abrams (x2)	2 BMV	22
HBCT	5 HMMWV (x2) 3 CFV (x2)		2 BMV 1 HMMWV	19
IBCT (MOTO)	6 HMMWV (x3)		2 HMMWV	20
IBCT (APEAD)	3 HMMWV (x2)		1 HMMWV	7
SBCT	4 Stryker RV (x3)		2 Stryker MC	14
BFSB	6 HMMWV (x2)			12

5.2.2 NOVOS EQUIPAMENTOS

Desde 1990 que o Exército dos EUA tem estado no centro de uma verdadeira revolução no que diz respeito aos assuntos militares, é facto que se deve em muito ao fim da Guerra Fria, à primeira guerra do Golfo, aos conflitos na Somália e na Bósnia Herzegovina assim como aos avanços tecnológicos vividos nas últimas duas décadas.

No que diz respeito a novos equipamentos tecnologicamente avançados, as unidades de reconhecimento são das que mais alterações registaram. Um dos equipamentos que foi introduzido neste tipo de forças nos EUA foi o *Long Range Advanced Scout Surveillance System*.

“O LRAS3 é um sistema multisensor que fornece em tempo real a capacidade para detetar, reconhecer, identificar e localizar alvos a longas distâncias. Este sistema possibilita a execução de reconhecimento e vigilância contínua, pode ser operado quer montado em viaturas quer desmontado, o seu sistema de longo alcance possibilita a aquisição de alvos fora do alcance das armas de tiro direto. Este sistema tem incorporado sensores de infravermelhos, um sistema de posicionamento global (GPS) e uma câmara que funciona durante o dia”⁴⁰ (FM 3-20.971, 2009, p.1-24).

⁴⁰ Tradução livre da responsabilidade do autor.

Um outro sistema introduzido, não só nas unidades de reconhecimento mas também nas Forças Armadas dos EUA, e que tem dado mostras de ser uma mais-valia é o *Force XXI Battle Command Brigade and Below* (FBCB2).

“O FBCB2 é um sistema de comando e controlo (C2) concebido para as unidades que executam missões ao nível tático. Este sistema permite ao comandante da força e aos seus comandantes subordinados um melhor e eficaz C2” (FM 3-20.971, 2009, p.D-1).

Um dos episódios que mostra este sistema em funcionamento, foi protagonizado “na noite do dia 24 de Março de 2003 pelo *Team B*, quando esta unidade se preparava para iniciar movimentos tendo em vista receber apoio logístico. Na madrugada do dia 25 de Março o *Team B* desloca-se em direção ao objetivo *Vikings* utilizando como principal meio de navegação o FBCB2. Esta manobra desenrolou-se debaixo de uma tempestade de areia, que limitava a visão a cerca de 50 metros”⁴¹ (Tisserand III, 2007, p.43).

A utilização, por parte do reconhecimento, de equipamento Unmanned Aerial Vehicle (UAV) constitui outra vantagem. Os UAV são utilizados para facilitar o reconhecimento aéreo em terrenos complexos, efetuar reconhecimento fora do alcance dos elementos terrestres, determinar as condições meteorológicas, identificar alvos, entre outros (FM 3-20.96, 2002).

Na OIF a utilização massiva de meios UAV provou ser uma mais-valia, como na noite de 3 de abril de 2003 quando o oficial de informações do *V Corps* dos EUA utiliza um *Hunter*⁴², com o objetivo de localizar forças insurgentes (Tisserand III, 2007).

Um sistema que dá mostras da sua eficácia, nas unidades de reconhecimento dos EUA é o “interceptor de sinal e busca de direção de transmissões *Prophet*⁴³, que pode indicar uma direção geral da comunicação inimiga quando a funcionar individualmente, ou a localização exata da transmissão, quando com dois ou três aparelhos em funcionamento. Nas áreas urbanas a sua eficácia é reduzida devido a intensidade de tráfego. No entanto, caso a frequência seja conhecida o *Prophet* tem a capacidade de aumentar essa transmissão, criando uma imagem inteligente da área onde o inimigo se encontra a operar”⁴⁴ (Barteky, 2003, p.29).

O *Helmet Mounted Display* (HMD) é um novo capacete, que está a ser testado pelas unidades de reconhecimento das SBCT e que permite ao escalão superior ter a visão das

⁴¹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁴² Hunter- O sistema UAV Hunter RQ-5A/MQ-5B/C tem capacidade para realizar missões de informações, reconhecimento e vigilância, aquisição de alvos, controlo de danos fornecendo os dados recolhidos em tempo real.

⁴³ Prophet- Sistema e pré-processador interceptor de sinal e guerra eletrónica, utilizado pelas Forças Armadas dos EUA.

⁴⁴ Tradução da responsabilidade do autor.

forças no terreno, uma vez que este novo aparelho está equipado com uma câmara que permite a transmissão em tempo real (Rogers, 2011).

Relativamente ao equipamento podemos ainda falar do *Single Channel Ground and Airborne Radio System* (SINCGARS)⁴⁵, *Enhanced Position Location Reporting System* (EPLRS)⁴⁶, *Vehicle Intercom System* (VIS/VIC)⁴⁷ e *Global Positioning System* (GPS), que constituem uma das principais armas do reconhecimento nos EUA. Pois se existem unidades que necessitam saber exatamente a sua localização assim como transmitir o que observa, essas são as unidades de reconhecimento (Barteky, 2003).

5.3 FORMAÇÃO. UM NOVO CONCEITO

“O Departamento da Defesa continuará o seu trabalho de assegurar que os quadros de oficiais dos EUA, estejam preparados para todo o tipo de missões que o futuro ambiente conflitual exija. O DoD continuará a dar especial ênfase às operações de estabilização, contra insurgência e construção de capacidades militares na profissão, educação e carreira. Alguns exemplos dos esforços realizados nesta incluem:

-Adquirir conhecimentos em línguas e culturas estrangeiras.

-Reconhecer a experiência em qualquer momento da carreira militar.

-Garantir que as instituições de educação do DoD têm os recursos adequados, faculdades que ajudam na preparação de novos líderes militares (Department of Defense United States of America [DoD] 2010, p.xiii)⁴⁸”.

Existe nos EUA uma preocupação, aos mais altos escalões, de dotar os seus militares com as capacidades consideradas necessárias, para fazer face ao novo ambiente operacional.

Já aquando da *Operation Desert Storm*, o 2-4 Cavalry⁴⁹, ainda que a operar num ambiente quase que perfeito, o seu comandante afirmou a necessidade de melhorar o treino e formação dos comandantes de pelotão (Mullins, 2004).

Durante a OIF os comandantes de pelotão de reconhecimento sem experiência tiveram grandes dificuldades em realizar as suas missões, pondo em causa a sobrevivência do escalão superior. Um dos casos foi protagonizado pelo Capitão Arnett⁵⁰, que efetuou um

⁴⁵ SINCGARS- é o radio em uso nas Forças Armadas dos EUA.

⁴⁶ EPLRS- sistema em rede do exército dos EUA que apresenta o campo de batalha de forma digital. Fornecendo ao combatente uma visão da área de operações e garantindo o comando e controlo.

⁴⁷ VIS/VIC- sistema de comunicação garante do comando e controlo.

⁴⁸ Tradução da responsabilidade do autor.

⁴⁹ 2-4 Cavalry- 2nd Squadron, 4th Cavalry Regiment participou na operação Desert Storm pertencendo a 24th Infantry Division. Em 2007 foi desativado e o seu pessoal foi transferido para o 1st Squadron, 4th Cavalry Regiment.

⁵⁰ Capitão Arnett- Como Tenente foi Comandante de pelotão de reconhecimento do 3-69 Armor, 3rd Infantry Division durante a OIF.

reconhecimento de itinerário a 25/30 Km/h, sendo o próprio a afirmar que “ é óbvio que não estava a fazer um reconhecimento de itinerário a 25 Km/h”⁵¹ (Mullins, 2004, p.50).

Para a *Torchbearer National Security Report*⁵² (2006, p.11) “ o mundo caminha para o mais difícil processo de transformação dos seus exércitos, mas a verdadeira transformação não é em termos de *hardware*, mas em termos operacionais e na forma de pensar da nova geração de líderes”⁵³.

Tendo em linha de conta as lições apreendidas e os estudos realizados sobre os conflitos, desde alguns anos a esta parte se tem assistido a alterações profundas em todas as áreas de formação e treino no exército dos EUA.

“Os velhos métodos de treinar uma tarefa de cada vez não ajudam a que os soldados e seus comandantes se tornem ágeis, adaptáveis tendo em conta todo o espectro das operações”⁵⁴ (Perry e McEnery *apud* Brown, 2009, p.14). Tendo em conta todas estas variáveis, as mudanças levadas a cabo pelo exército dos EUA no que diz respeito ao reconhecimento foram várias. É disso exemplo o *Army Reconnaissance Course* (ARC)⁵⁵. O curso piloto teve início em 2009 sendo o principal objetivo atender às demandas do reconhecimento de hoje em dia. Para satisfazer estas necessidades o mesmo foi construído de raiz, não havendo lugar a reorganizações ou readaptações do já existente. O grande impulsionador desta mudança foi o Coronel na reforma J. W. Thurman⁵⁶, que viu a necessidade de preencher as lacunas entre a instrução base e os conhecimentos exigidos aos comandantes de pelotão de reconhecimento (Perry e McEnery, 2009).

No que respeita à base doutrinária, o ACR tem dois manuais de referência: o FM 3-20.98 *Scout e Reconnaissance* e o FM 3-20.971 *Reconnaissance Platoon*, que mostra quais as principais semelhanças e diferenças entre os esquadrões de reconhecimento, pertencentes às *Brigade Combat Team*, ACR e BFSB (Perry e McEnery, 2009).

O ARC pretende dar aos seus formandos (oficiais e sargentos), as ferramentas necessárias para que estes se tornem verdadeiros líderes no campo de batalha moderno.

“Para que tal aconteça é esperado que cada formando atinja as seguintes valências:

⁵¹ Tradução da responsabilidade do autor.

⁵² *Torchbearer National Security Report*- São relatórios sobre a segurança nacional dos EUA, chamando a atenção sobre questões de defesa.

⁵³ Tradução da responsabilidade do autor.

⁵⁴ Tradução da responsabilidade do autor.

⁵⁵ *Army Reconnaissance Course*- Foi criado para preparar os Oficiais e Sargentos ligados ao Reconhecimento, tendo em conta os desafios do futuro. Assim como treinar as capacidades requeridas no Reconhecimento.

⁵⁶ J. W. Thurman- Coronel do Exército dos EUA na reforma, combateu na guerra do Vietname e participou na operação Desert Storm.

-Navegação, comunicações rádio, envio de relatórios e análise tática constituem os fundamentos do reconhecimento.

-Compreender melhor as necessidades de informação do escalão superior, assim como onde encontrar e como comunicar essa informação.

-Melhores capacidades de planeamento e execução sem perder a liberdade de ação ou comprometer a missão.

-Conhecimento para empregar meios orgânicos juntamente com meios de reforço sejam eles terrestres ou aéreos.

-Ter os requisitos necessários para durante uma missão ter a iniciativa de se antecipar ao risco e resolver os problemas” (Perry e McEnery, 2009, p.18).

Como forma de garantir que os formandos atinjam todas estas valências uma grande parte do ARC é passada em exercícios de campo, onde existe uma grande exigência quer física quer mental, e onde existe um sem número de situações onde é necessário tomar decisões de forma rápida e eficaz, garantindo que a missão é cumprida (Perry e McEnery, 2009).

No que diz respeito ao RSTA, e segundo um estudo da *RAND Corporation*⁵⁷, esta ênfase no treino e na formação é ainda mais importante,

“uma vez que esta unidade possui sistemas de comando mais complexos o Network Centric Warfare (NCW)⁵⁸. Se os soldados e os seus comandantes não são treinados convenientemente neste sistema, utilizando de forma proficiente mesmo debaixo de stress, o NCW ao invés de ser uma ajuda passa a ser um obstáculo. Caso isso aconteça os soldados e os seus comandantes voltam a utilizar os métodos tradicionais de carta topográfica e transmissões rádio para partilha de informação⁵⁹”(RAND Corporation, 2005, p.35).

É certo que o comandante, em qualquer tipo de operação, tem que possuir os conhecimentos necessários para explorar o sucesso e controlar o tempo, e estar preparado, tanto física como psicologicamente. Para garantir isto é necessário treino constante e atualizado, formação contínua e oportuna, algo que se verifica no Exército dos EUA, mais propriamente nas suas unidades de *reconnaissance* e *cavalry*.

5.4 SÍNTESE CONCLUSIVA

Este capítulo encerra em si algumas conclusões às questões levantadas no início do presente trabalho.

⁵⁷ RAND Corporation- é uma organização sem fins lucrativos que fornece análise de objetivos e soluções eficazes para os desafios que enfrenta quer o sector privado quer o público em todo o mundo.

⁵⁸ Network Centric Warfare- é um conceito de operações que geram um maior poder de combate utilizando sensores, atuadores e decisores, aumentando o ritmo das operações, a letalidade, a sobrevivência e diminuindo o tempo de tomada de decisão.

⁵⁹ Tradução da responsabilidade do autor.

Neste capítulo são apresentadas as diferenças existentes na organização em termos de pessoal e equipamento nas unidades de reconhecimento dos EUA, assim como as inovações introduzidas em termos de material e formação dos militares.

Em relação à organização foi possível verificar que o Exército dos EUA apresenta dois tipos de reconhecimento, um mais pesado, com capacidade para lutar pela informação, e outro mais ligeiro onde são utilizados preferencialmente meios passivos de aquisição de informação.

Relativamente ao pessoal foi possível apurar que os esquadrões de reconhecimento dos ACR têm, mais elementos quando em comparação com os restantes esquadrões de reconhecimento mais elementos. No que concerne ao equipamento são também os esquadrões do ACR que têm um maior número de viaturas, sendo que as unidades de reconhecimento das IBCT, SBCT e BFSB que executam um reconhecimento ligeiro que tem menos viaturas.

A introdução de novos equipamentos atribuiu novas capacidades ao reconhecimento, destacando-se a aquisição de alvos, reconhecimento a longas distâncias, comando e controlo e ainda as comunicações.

Por último as alterações na formação tendo em vista desenvolver os conhecimentos dos militares do reconhecimento. Tais mudanças foram sentidas não só no reconhecimento mas em todos os sectores das Forças Armadas. Estas alterações na formação devem-se cada vez mais à complexidade dos sistemas utilizados, o que leva a que quem os opere tenha conhecimentos e capacidades acima da média. Outro aspeto prende-se com mudanças sentidas nos atuais teatros de operações, onde os militares têm que estar preparados para, no mesmo teatro de operações, realizar qualquer tipo de operação ao mesmo tempo, facto que não acontecia no antecedente.

CAPÍTULO 6

ESTUDO DE CASO

6.1 INTRODUÇÃO

Como forma de dar resposta às necessidades das unidades de reconhecimento, apresenta-se neste capítulo alguns estudos de caso relativos a unidades presentes no teatro de operações do Iraque.

Desta feita são escolhidos para este estudo o 3d *Squadron 7th Cavalry* (3-7 CAV) assim como uma unidade RSTA, com o intuito de determinar quais as vantagens e desvantagens do emprego destas unidades.

6.2 TEATRO DO IRAQUE

Foi neste território berço da primeira civilização mundial, que se desenrolou uma das últimas grandes operações militar de registo, a denominada *Operation Iraqi Freedom* com início em março de 2003, que opunha forças de uma coligação multinacional, lideradas pelos EUA, contra forças apoiantes do regime de *Saddam Hussein*⁶⁰.

Na realidade esta não foi a primeira vez que tais intervenientes se encontravam em solo iraquiano, já que em 1991 aquando da *Operation Desert Storm*, forças de uma coligação multinacional e tropas de *Saddam* se esgrimiam em esforços para vencer o conflito que os opunha. Na altura, tal como agora os vencedores foram as tropas lideradas pelos EUA.

Nos doze anos que separam as duas intervenções militares, foi levada a cabo por parte dos EUA uma autêntica revolução nos assuntos militares, tendo as unidades de

⁶⁰ *Saddam Hussein*- Nasceu numa família de poucos recursos no dia 28 de abril de 1937 na região de *Tikrit*. Sob o seu regime ditatorial, comandou os destinos do Iraque de 1979 a 2003. Durante a sua vida foi um dos líderes políticos mais significativos do universo árabe, assim como um dos ditadores mais odiados da história. No dia 30 de dezembro de 2006 foi morto por enforcamento em *Bagdad*.

reconhecimento sofrido varias alterações. Tais transformações foram introduzidas tendo em vista o desenvolvimento de novas capacidades, assim como tomar decisões de forma mais rápida quando em operações (Tisserand III, 2006).

6.2.1 3 SQUADRON 7 CAVALRY NA OPERATION IRAQ FREEDOM

Na OIF o Exército dos EUA projetou para condução de missões de reconhecimento e segurança, três unidades de reconhecimento. Foram estas o 3-7 CAV, o 2d *Squadron* 17th *Cavalry* (2-17 CAV) e o esquadrão Alfa do 1d *Squadron* 17th *Cavalry* (1-17 CAV). O 3-7 CAV, nesta operação pertencia a 3d *Infantry Division (Mechanized)* (3 ID), unidade que realizava o esforço do único Corpo de Exército dos EUA no teatro o V *Corps* (Mcgrath, 2008).

No que diz respeito à organização, para combate o 3-7 CAV era constituído por cinco esquadrões, três de reconhecimento terrestre e dois de Cavalaria do Ar com helicópteros de ataque e reconhecimento (Mcgrath, 2008).

O início das operações terrestres começara às primeiras horas do dia 20 de março de 2003, cerca de 24 horas antes do planeado, quando as primeiras forças cruzam a fronteira do Iraque com o Kuwait (Tisserand III, 2006).

Em relação aos esquadrões de reconhecimento terrestre do 3-7 CAV, “ o comandante da 3ID optou durante toda a campanha, por utilizar esta unidade como elemento de manobra separado”⁶¹ (Mcgrath, 2008, p.176). Numa fase inicial das operações, o 3-7 CAV avançou ao longo do rio Eufrates pelo itinerário *Hurricane*⁶² em direção a cidade de *As Samawah*⁶³ (objetivo *Chatham*⁶⁴), com a missão de conquistar as pontes sobre o rio Eufrates e juntamente com a 2nd *Brigade Combat Team* (2nd BCT), atacar a cidade de *Na Najaf* (Objetivo *Rams*⁶⁵) (Tisserand III, 2006).

“ No dia 22 de março de 2003 pelas 0900, o 3-7 CAV tinha conquistado as pontes a sudeste de *As Samawah*, tendo encontrado forças paramilitares e fogos de artilharia iraquiana. As forças paramilitares utilizavam morteiros e metralhadoras montadas em carrinhas *pickup*

⁶¹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶² Ver anexo C2.

⁶³ As Samawah- Cidade iraquiana da província de Al Muthanna localizada a cerca de 280 Km a Sudoeste de Bagdad.

⁶⁴ Ver anexo C1.

⁶⁵ Ver anexo C1.

para atacar as forças americanas equipadas com Bradleys M3 e carros de combate M1A1 Abrams”⁶⁶ (Tisserand III, 2006, p.39).

Com a conquista das pontes de *As Samawah*, a luta entre forças do 3-7 CAV e as forças apoiantes do regime de *Saddam* aumentaram, sendo reportados numerosos ataques utilizando escudos humanos. Com o avanço das forças dos EUA, aumentou também o tráfego logístico, pelo que no dia 23 de março de 2003 foi dada a missão ao 3-7 CAV de limpar os insurgentes da estrada 8⁶⁷, assim como desviar o tráfego para o itinerário *Rovers*⁶⁸ (estrada 18) mais a sul, com o intuito de manter o ímpeto da operação (Tisserand III, 2005).

“ *A 3rd Brigade Combat Team (3rd BCT) assume os combates em As Samawah, enquanto a Task Force 1-15 Infantry (TF 1-15 IN) juntamente com o 3-7 CAV, isolam As Samawah e impedem que os insurgentes interfiram com o tráfego logístico nas estradas 8 e 18. Na manhã do dia 24 de março de 2003 a 3rd BCT, a TF 1-15 IN e o 3-7 CAV garantem o controlo da Base Aérea de Tallil*”⁶⁹ (Tisserand III, 2006, p.42).

No final da tarde do dia 24 de março o 3-7 CAV recebe nova missão do escalão superior. Desta feita as tropas de reconhecimento seguem pelo itinerário *Appaloosa*⁷⁰, com a incumbência de garantir uma ponte (objetivo *Floyd*⁷¹) junto a cidade de *An Najaf*⁷², para além de isolar esta localidade a leste e nordeste até o objetivo *Jenkins*⁷³ (ponte em *An Najaf*) (Tisserand III, 2006).

“ Na manhã do dia 30 de março, o 3-7 CAV avança em direção ao sul de Karbala⁷⁴ criando uma linha de vigilância ao longo da linha de fase *Dover*⁷⁵” (Tisserand III, 2006, p.59).

Nas primeiras horas do dia 3 de abril, o 3-7 CAV ataca a área que inclui a interseção das estradas 1 e 10 (objetivo *Montgomery*⁷⁶), região a oeste do Aeroporto Internacional de Bagdad (objetivo *Lions*⁷⁷), com o desígnio de estabelecer uma guarda de flanco, protegendo o escalão superior de contra ataque vindos de oeste (Tisserand III, 2006).

“ *O 3-7 CAV por volta das 1800 do dia 3 de abril ocupa o objetivo Montgomery estabelecendo a guarda de flanco, no entanto, os combates intensificam-se durante um período de 24 horas. Durante esse período o esquadrão de reconhecimento Alfa, com apoio*

⁶⁶ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶⁷ Ver anexo C2.

⁶⁸ Ver anexo C2.

⁶⁹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁷⁰ Ver anexo C1.

⁷¹ Ver anexo C1.

⁷² An Najaf- Capital da província iraquiana de Najaf, com uma população aproximada de 560000 pessoas. É uma das três cidades sagradas dos Xiitas Islâmicos.

⁷³ Ver anexo C3.

⁷⁴ Karbala- Capital da província de Karbala com uma população de cerca de 570000 pessoas.

⁷⁵ Ver anexo C4.

⁷⁶ Ver anexo C5.

⁷⁷ Ver anexo C5.

*de fogos de artilharia e apoio aéreo, conseguem repelir um contra ataque de uma brigada iraquiana assim como destruir numerosas forças paramilitares”*⁷⁸ (Tisserand III, 2006, p. 117-118).

Os ataques às forças do esquadrão de reconhecimento Alfa do 3-7 CAV surgiram do norte, este e oeste com as forças pró *Saddam* a reforçarem a frente com todos os meios de transporte disponíveis tais como camiões, autocarros, carros e motos. O esquadrão de reconhecimento Alfa, durante todo este período emprega continuamente fogos de morteiros e de artilharia, tendo em vista a destruição das forças de ataque.

*Durante esta fase o “ 3-7 CAV mata cerca de 500 elementos das forças iraquianas e destrói cerca de 40 viaturas. Na manhã do dia 4 de abril, nove carros de combate T-72⁷⁹, três MTLB⁸⁰, e 50 elementos da infantaria iraquiana atacam o esquadrão de reconhecimento Alfa ao longo da estrada para Abu-Ghraib. Em menos de cinco minutos, todas as doze viaturas foram destruídas pelos fogos diretos do esquadrão. Após a destruição destas forças, aumentam o volume dos ataques utilizando metralhadoras e RPG’s. As 1700 do dia 4 de abril o esquadrão de reconhecimento Alfa, usa sete carros de combate M1A1, duas Bradleys e a equipa de observadores avançados do esquadrão, para atacar a noroeste ao longo da estrada de Abu-Ghraib, com a missão de destruir vinte e dois carros de combate T-72 identificados pela Força Aérea. Durante o deslocamento as forças do esquadrão de reconhecimento Alfa são apoiadas de perto por dois F-15 e dois Tornados⁸¹, assim como por fogos de artilharia da 1-9 Field Artillery, que conduzem múltiplos ataques contra carros de combate iraquianos. Depois dos ataques, as forças de reconhecimento avançam para confirmar a situação dos insurgentes, observam então vários carros de combate T-72 que se mantêm inatacáveis em posições preparadas. Quase de imediato os carros de combate M1A1 Abrams, assim como os T-72 empenham-se mutuamente a uma distância entre os 800 e 1300 metros. As forças iraquianas utilizam as metralhadoras dos T-72, no entanto as rajadas não atingem as forças de reconhecimento do 3-7 CAV. Em menos de dez minutos os elementos do esquadrão de reconhecimento Alfa destroem dezasseis T-72, múltiplas peças de artilharia antiaérea e de campanha, e abatem aproximadamente 100 soldados de infantaria iraquianos”*⁸² (Tisserand III *apud* 3 ID Operation Iraqi Freedom After Action Report, 2006, p.118).

Como foi possível observar pela análise do desempenho do 3-7 CAV na OIF, as unidades de reconhecimento devem estar preparadas para desempenhar o mais variado tipo de missões. O 3-7 CAV desempenhou nesta operação desde missões de reconhecimento, a missões de segurança, passando por missões de economia de forças, sempre com os melhores desempenhos. Isto só foi possível, graças às características desta unidade e às suas possibilidades.

O poder de fogo e capacidade de sobrevivência, fornecida tanto pelos M1A1 Abrams como pelas Bradley M3A3 CFV, ficou bem visível em várias ocasiões tais como

⁷⁸ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁷⁹ Carros de Combate T-72- O T-72 é um carro de combate de fabrico soviético, que entrou ao serviço do Exército da ex-URSS em 1972. Pesa cerca de 41 toneladas, tem um motor a Diesel de 780 cavalos de potência e autonomia de cerca de 700 Km. Possui como armamento principal um canhão de 125mm e uma metralhadora coaxial 7,62mm.

⁸⁰ MTLB-Multi Purpose Armoured Vehicle.

⁸¹ Tornado- Caça que se encontra ao serviço da Força Aérea do Reino Unido, Alemanha, Itália e Arábia Saudita. Entrou ao serviço em 1980 sendo que a sua produção terminou em 1998.

⁸² Tradução livre da responsabilidade do autor.

no ataque ao objetivo *Montgomery*, onde os insurgentes tentaram por mais de uma vez penetrar no dispositivo montado pelo 3-7 CAV (FM 3-20.971, 2009).

A organização é outro dos pontos que possibilitou o bom desempenho desta unidade de reconhecimento, o facto de os esquadrões de reconhecimento possuírem quatro pelotões torna-se uma mais-valia quando empregues em missões de reconhecimento e segurança, como foi visível na guarda de flanco em *As Samawah* (FM 3-20.971, 2009)

O 3-7 CAV, graças ao seu poder de fogo tem ainda a possibilidade de lutar pela informação, como ficou bem patente no dia 4 de abril de 2003, quando forças desta unidade destroem tanto forças blindadas como apeadas dos insurgentes, depois de as mesmas não terem sido identificadas pela Força Aérea (FM 3-20.971, 2009).

Todo este sucesso alcançado pelo 3-7 CAV na OIF deve-se em muito ao equipamento, à superioridade tecnológica, ao treino dos homens que constituíram esta força, e um ponto não menos importante à dimensão desta unidade de reconhecimento. Isto porque o Exército dos EUA para cada Brigada dispõem em quadro orgânico de um grupo de reconhecimento.

6.2.2 UNIDADES RSTA NO IRAQUE

Os *Squadron* RSTA são uma das principais unidades de manobra das SBCT, unidades que entraram pela primeira vez no teatro do Iraque em novembro de 2003 com a *3rd Striker Brigade Combat Team 2th Infantry Division* (3-2SBCT).

Foi precisamente a 3-2SBCT que protagonizou um dos momentos de maior sucesso neste teatro, quando no dia 4 de setembro de 2004, no segundo dia da *Operation Assyrian Drifter*⁸³, resgata da cidade de *Tal Afar*⁸⁴ elementos da queda de um helicóptero. Este acontecimento ganhou contornos muito semelhantes aos vividos em 1993 em *Mogadishu*⁸⁵, no entanto os resultados finais foram díspares (Gonzales, Hollywood, Sollinger, McFadden, DeJarnett, Harting e Temple, 2007).

A operação em *Tal Afar* teve o seu início com a movimentação por parte da 3-2SBCT da *Task Force* 5-20, força constituída por uma companhia Bravo de Infantaria e

⁸³ Operation Assyrian Drifter- Operação com início a 3 de Setembro 2004, com o objetivo de limpar os insurgentes das maiores cidades iraquianas.

⁸⁴ Tal Afar- Cidade da província de Ninawa com uma população aproximada de 200000 pessoas.

⁸⁵ Mogadishu- Maior cidade e capital da Somália com uma população de aproximadamente 2560000 pessoas.

um pelotão de reconhecimento do Exército dos EUA, equipadas com viaturas *Stryker* e uma companhia da *Iraqi National Guard* (ING) equipada com camiões e jipes (Gonzales et al., 2007).

“A Task Force 5-20 tinha como missão a realização de um cerco e busca. A missão desenrolava-se conforme o planeado até que pelas 0835, elementos da companhia Bravo são atacados por fogo de RPG na área do objetivo *Jonah*, dois soldados da companhia ING ficam gravemente feridos, sendo necessário proceder a evacuação médica aéreo. O comandante da Companhia Bravo estabelece um perímetro defensivo na área do objetivo *Jonah* e responde ao fogo dos insurgentes.

Enquanto se procedia à evacuação médica na região do objetivo *Jonah*, o pelotão de reconhecimento deslocava-se para outra parte da cidade para junto do objetivo *Gilgamesh*. Durante o seu deslocamento o pelotão de reconhecimento era apoiado por dois helicópteros OH-58 *Kiowa Warrior*. Até que pelas 0850 um dos OH-58 é atingido por um RPG o que provoca a sua queda”⁸⁶ (Gonzales et al., 2007, p.84).

O comandante da *Task Force 5-20*, tal como os veículos *Stryker* equipados com o sistema FBCB2 tiveram conhecimento da queda do helicóptero de imediato. Pelas 0857 o comandante da *Task Force 5-20* entra em contacto via rádio com os pilotos, dizendo-lhes que em cinco minutos o pelotão de reconhecimento estaria no local da queda (Gonzales et al., 2007).

“ Poucos minutos depois, um UAV de vigilância identifica cerca de 60 insurgentes armados de RPG's, metralhadoras e armas de pequeno porte a dirigir-se para o local da queda. Os combates entre os insurgentes e o pelotão de reconhecimento, que entretanto acudira ao local da queda do helicóptero começaram de imediato e prolongaram-se durante cerca de 20 minutos. Devido à crescente instabilidade no local da queda do helicóptero, o comandante da *Task Force 5-20* decide pelas 0900, reforçar o flanco oeste com a companhia Bravo”⁸⁷ (Gonzales et al., 2007, p.85).

O deslocamento da companhia Bravo não se provou nada fácil, pelo que à medida que se aproximavam do local onde se encontrava o helicóptero os combates aumentavam de intensidade, com os insurgentes a ocupar os prédios e atacarem a coluna da companhia Bravo. A chegada ao local da queda por parte da companhia Bravo deu-se por volta das 0930, pelo que o comandante da *Task Force 5-20* incumbe o pelotão de reconhecimento de garantir a área estabelecendo um perímetro de segurança (Gonzales et al., 2007).

“ Às 1035 chega a companhia Charlie e rapidamente um pelotão carrega o helicóptero para uma viatura de transporte.

Forças dos EUA começam a abandonar o local às 1130 sem mortos a registar apenas com cinco feridos, enquanto do lado dos insurgentes se contabilizaram 110 mortos e um número desconhecido de mortos”⁸⁸ (Gonzales et al., 2007, p.87).

O desempenho da *Task Force 5-20* em *Tal Afar* leva-nos a afirmar que os novos equipamentos utilizados pelas unidades de reconhecimento são sem sombra de dúvida uma mais-valia. Só através da utilização de meios UAV foi possível localizar insurgentes, o uso do FBCB2 permitiu ao comandante da *Task Force 5-20* esclarecer à situação e tomar

⁸⁶ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁸⁷ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁸⁸ Tradução livre da responsabilidade do autor.

decisões de forma tão rápida, movimentando de imediato as suas forças, foi graças ao sistema de comunicações eficaz que se tornou possível à coordenação entre às diferentes subunidades, como visível quando o pelotão de reconhecimento faz um pedido de apoio aéreo próximo. No entanto um dos pontos mais importantes prende-se com o desempenho excelente tido durante toda a operação pelas viaturas *Stryker*.

No entanto, as unidades RSTA apresentam debilidades, tais como na sua capacidade de lutar pela informação, tendo em conta o espectro das operações militares, tais como na realização de operações de segurança (FM 3-20.971, 2009).

Quanto a realização de operações de segurança uma das soluções encontradas pelo Exército dos EUA, prende-se com a utilização em conjunto de unidades de reconhecimento pertencentes as HBCT e/ou ACR, juntamente com as unidades RSTA tal como aconteceu na *Operation Arrowhead Ripper*⁸⁹, onde foram utilizadas em conjunto forças pertencentes ao 2nd Squadron 1st Cavalry⁹⁰ (2-1 CAV), com forças do 1st Squadron 12th Cavalry⁹¹ (1-12 CAV), o que aumentou consideravelmente o poder de fogo e a capacidade de sobrevivência (Jonhson, 2009).

6.3 SÍNTESE CONCLUSIVA

Com a análise deste estudo de caso, retiramos alguns ensinamentos que se revelam de grande importância para este trabalho de investigação. Desde logo ressalta o facto de no teatro do Iraque se utilizar de forma simultânea forças convencionais e insurgentes, sendo que esta se movimenta no seio da população o que torna a sua identificação mais difícil.

Outro ponto prende-se com o facto de serem as unidades de reconhecimento a conduzirem os combates hoje em dia, estas unidades reconhecem e identificam a ameaça deixando o combate para o restante das forças que se movimentam à retaguarda. Só unidades com uma organização tipo o 3-7 CAV, consegue fazer face a todo o espectro das operações militares, resultado de uma combinação dentro dos seus esquadrões de reconhecimento com poder de fogo e proteção. Só através desta combinação é possível realizar operações de reconhecimento, de segurança, de economia de forças, de resposta a

⁸⁹ Operation Arrowhead Ripper- Operação desenvolvida pelas forças dos EUA e do Iraque em Junho de 2007, com o intuito de estabelecer a segurança na região de Bagdad Belts.

⁹⁰ 2-1 CAV- Unidade de Reconhecimento pertencente a 4rd SBCT 2nd Infantry Division Fort Lewis.

⁹¹ 1-12 CAV- Unidade de Reconhecimento pertencente a 3rd BCT 1st Cavalry Division Fort Hood.

crise sem que seja colocada em causa a sobrevivência da unidade. Tendo em conta as diferentes organizações tidas pelo Exército dos EUA, a tida pelos ACR apresenta-se como sendo aquela que mais semelhanças têm com a organização das unidades de reconhecimento em Portugal. Por outro lado as unidades com organizações tipo RSTA mostram algumas limitações, isto porque as mesmas foram organizadas, com o intuito primário de realizar um reconhecimento passivo, tendo as novas tecnologias um papel fundamental. Quando do emprego deste tipo de unidades em outro tipo de missões tais como segurança e economia de forças, ressaltam desde logo algumas limitações, pelo que em muitos casos se procede a combinação das mesmas com forças capazes de garantir o poder de fogo.

A utilização de meios tecnológicos no reconhecimento é sem sombra de dúvidas uma mais-valia, saber em tempo real onde se encontram todas as forças no teatro, assim como identificar a ameaça utilizando estes aparelhos constitui uma vantagem. No entanto estes aparelhos não são falíveis e estão sujeitos as condições meteorológicas, do terreno e da própria utilização o que pode levar a que os mesmos não funcionem no máximo das suas potencialidades, transmitindo informações menos corretas.

CAPÍTULO 7

ORGÂNICA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO RSTA DOS EUA E ERec/BrigInt PORTUGUÊS

7.1 INTRODUÇÃO

Apresenta-se neste capítulo uma comparação entre a organização, tida pelos esquadrões de reconhecimento RSTA do Exército dos EUA e o ERec/BrigInt do Exército Português, assim como quais as possibilidades e limitações que advêm das diferentes organizações.

Como afirma Walters⁹² (2011, pag.80) “ as experiências recentes das forças dos EUA no Iraque e no Afeganistão assim como as Forças de Defesa de Israel no sul do Líbano sugerem que o princípio central de um Exército que pretende lutar por informação, assim como esclarecer a situação, assenta no princípio de utilização de armas combinadas”⁹³.

7.2 ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO RSTA, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Com a transformação do Exército dos EUA surgiram novas unidades com capacidades que se baseiam na utilização massiva de meios tecnológicos. As unidades RSTA pertencentes às SBCT foram organizadas e equipadas, tendo em vista tirar o máximo partido destes meios. Estas unidades são consideradas por muitos como a ponte entre as atuais missões das unidades de reconhecimento e as tradicionais, combinando a obtenção de informações, reconhecimento e vigilância com a missão de outras unidades.

Como presente no FM 3-20.971 (2009, p.1-18) os esquadrões de reconhecimento pertencentes ao *Squadron* RSTA, tem como principais capacidades:

“- Constituído por doze (12) sistemas Javelin (quatro (4) por pelotão);

⁹² Major Keith Walters- Oficial de operações do 1st Squadron, 10th Cavalry Fort Carson. É professor de História na U.S. Military Academy e comandante de Stryker Cavalry Troop.

⁹³ Tradução livre da responsabilidade do autor.

- Constituído por uma secção de morteiros 120mm (montada);
- Constituído em orgânica, elementos HUMINT que podem ser empregues quer ao nível pelotão quer esquadrão;
- O esquadrão tem acesso a informações e relatórios fornecidos pelo esquadrão de vigilância. Informações recolhidas pelos sistemas SHADOW UAV⁹⁴, Prophet, Trojan Spirit e pelo pelotão de reconhecimento CBRN⁹⁵,⁹⁶.

Segundo a mesma publicação os esquadrões de reconhecimento tem como principais limitações:

- “- Os esquadrões de reconhecimento são vulneráveis a contra reconhecimento da força opositora, tem capacidade limitada de lutar pela informação em todo o espectro das operações militares;
- Na realização de reconhecimento de itinerário, com um pelotão a quatro viaturas e duas secções, assume-se o risco e o terreno adjacente e reconhecido por uma única viatura;
- O esquadrão de reconhecimento tem dificuldades em manter o contacto com a força opositora, quando é necessário realizar operações tais como reabastecimentos de emergência ou evacuação de vítimas;
- As secções têm limitada capacidade apeada, pelo que quando necessário se deve combinar duas secções para realizar missões, tais como:
 - Operações de longa duração;
 - Vigilância contínua;
 - Reconhecimentos apeados necessários aquando da realização de reconhecimentos de zona, área ou itinerário;
 - Segurança apeada aquando da realização de segurança de área, itinerário ou local”⁹⁷ (FM 3-20.971, 2009, p.1-18,1-19).

7.3 ERec/BrigInt, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Como refere o quadro orgânico número 24.0.15, aprovado em 05 de agosto de 2009, do ERec da BrigInt, é missão do “esquadrão de reconhecimento preparar-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza” (Quadro Orgânico ERec, 2009, p.2/18).

Tendo em vista o comprimento da sua missão “o ERec da BrigInt é uma força que combina eficientemente, a flexibilidade, a proteção, a mobilidade e o poder de fogo e tem a possibilidade de atuar de forma rápida e descentralizada. Preferencialmente, o ERec está vocacionado para apoio da unidade em proveito da qual opera, na recolha das informações necessárias á tomada de decisão do comando a que está subordinada, contribuindo decisivamente para a melhoria do comando e controlo” (Quadro Orgânico ERec, 2009, p.5/18).

No que respeita às limitações o quadro orgânico do ERec/BrigInt apresenta:

- “- Sobrevivência face a ameaça blindada;
- Grande consumo das classes III, V e IX;
- Terreno impeditivo a unidades montadas;

⁹⁴ SHADOW UAV- Veículo aéreo não tripulado utilizado pelas forças armadas dos EUA, Austrália e Suécia em missões de reconhecimento, vigilância e localização de alvos. Foi utilizado com sucesso nos teatros do Iraque e Afeganistão.

⁹⁵ CBRN- Chemical, Biological, Radiological and Nuclear.

⁹⁶ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁹⁷ Tradução livre da responsabilidade do autor.

- *Reduzida capacidade de comando e controlo quando desmontado;*
- *Projeção estratégica da força limitada pelo equipamento pesado” (2009, p.5/19).*

No entanto estas não são as únicas limitações desta unidade. Para o Major-General Antunes Calçada uma das grandes limitações do ERec prende-se com o facto de esta unidade não possuir autometralhadoras, com características VBR 8x8⁹⁸ uma vez que o concurso para aquisição das mesmas encontra-se neste momento suspenso. A inexistência de autometralhadoras, da mesma família dificulta a constituição de equipas dentro dos pelotões de reconhecimento fique limitada. Assim, a constituição de equipas sem autometralhadoras leva a que o ERec/BrigInt não possa ser empregue em missões de economia de força, pois falta essa capacidade (Major-General Antunes Calçada, comunicação pessoal, 8 de março 2012).

Um outro ponto considerado pelo Coronel de Cavalaria Jocelino Rodrigues como limitador, prende-se com o facto de um ERec na BrigInt ser insuficiente, tendo em conta a ambição em termos de missão (comunicação pessoal, 5 de março 2012). Os últimos conflitos mostram que as frentes e profundidades de hoje são completamente diferentes das existentes no período da Guerra Fria, o aumentar da frente da brigada para a dimensão que a alguns anos atrás eram de divisão, leva-nos a pensar que o reconhecimento deve aumentar de escalão pois a área a cobrir aumentou de forma significativa (Major-General Antunes Calçada, comunicação pessoal, 8 de março 2012).

A formação e o pessoal são dois aspetos apontados pelo Coronel Jocelino Rodrigues como uma limitação, pelo que os operadores das viaturas *Pandur* deveriam permanecer ligados às viaturas por um período mais longo, prolongando desta forma a durabilidade e prontidão operacional do equipamento (comunicação pessoal, 5 de março 2012).

7.4 ESQUADRÃO RECONHECIMENTO RSTA E ERec/BrigInt, COMPARAÇÃO

A escolha destas unidades deve-se ao facto de a BrigInt se encontrar a construir doutrina para o seu emprego, tendo como principal base as experiências tidas em combate pelas unidades dos EUA assim como os *Field Manual da Brigade Combat Team* (Major-General Antunes Calçada, comunicação pessoal, 8 de março 2012).

⁹⁸ VBR 8x8- Viatura Blindada de Rodas 8x8 Pandur II.

As semelhanças entre a BrigInt e a SBCT são muitas, ainda que muito diferentes no que diz respeito a especificidade dos meios (Coronel Jocelino Rodrigues, comunicação pessoal, 5 de março 2012). Aquando da comparação entre os esquadrões de reconhecimento pertencentes aos *Squadron* RSTA e o ERec/BrigInt, as diferenças em termos de pessoal e equipamento são notórias. Na tabela 3 apresenta as diferenças entre estas duas organizações.

Tabela 3: Pessoal e viaturas do esquadrão de reconhecimento RSTA e ERec/BrigInt.

Esquadrão de Reconhecimento RSTA			ERec/BrigInt		
	Pessoal	Viaturas		Pessoal	Viaturas
Sec Cmd	13 Elementos	2-Stryker 2-Viat Tac	Sec Cmd	10 Elementos	2-Pandur 2-Viat Tac
Pel Rec (x3)	21 Elementos	4-Stryker	Pel Rec (x3)	35 Elementos	8-Pandur
Sec Mort	12 Elementos	2-Stryker 1-Viat Tac	Pel Mort	22 Elementos	5-Pandur 1-Viat Tac
Total	88 Elementos	16 Stryker 3 Viat Tac	Total⁹⁹	137 Elementos	31 Pandur 3 Viat Tac

Relativamente ao pessoal, os números apresentados mostram que os pelotões de reconhecimento do ERec da BrigInt são maiores. Isto acontece pois a uma secção de atiradores e uma secção de autometralhadoras em cada pelotão de reconhecimento. A presença de uma secção de atiradores possibilita a realização de reconhecimentos apeados, um ponto positivo tendo em conta os atuais teatros e as suas características. No caso dos pelotões RSTA a realização de reconhecimentos apeados é uma das grandes limitações, devido ao número insuficiente de homens.

Outro ponto onde existem diferenças significativas é na dimensão do elemento de apoio de fogos, enquanto o ERec/BrigInt possui um pelotão a vinte e dois elementos, os esquadrões de reconhecimento RSTA tem uma secção a doze elementos.

Quanto as viaturas as diferenças são também elas significativas. Enquanto o ERec/BrigInt tem trinta e uma viaturas *Pandur*, os esquadrões de reconhecimento RSTA

⁹⁹ Os valores apresentados não incluem o pelotão de transmissões, secção de vigilância do campo de batalha, secção de manutenção, secção de reabastecimento e secção sanitária.

tem dezassais viaturas *Stryker*. Um dos pontos que explica tais discrepâncias prende-se com a secção de autometralhadoras existente nos pelotões de reconhecimento do ERec Português, que permite a luta pela informação e atuar em todo o espectro das operações militares, graças ao poder de fogo que este sistema de armas confere. No caso dos esquadrões de reconhecimento RSTA a não existência de um sistema de armas com tais características, traduz-se numa limitação, pelo que a capacidade de lutar pela informação assim com atuar em todo o espectro das operações militares é limitada.

Tendo em conta estes fatores a organização tida pelo ERec da BriInt parece ser a mais apropriada, quando em comparação com os esquadrões de reconhecimento RSTA. Porém à que referir que enquanto em Portugal para uma brigada se utiliza um esquadrão de reconhecimento, os EUA para uma unidade da mesma dimensão utilizam um grupo de reconhecimento, o que nos leva a pensar na dimensão das unidades de reconhecimento do Exército Português.

7.5 SÍNTESE CONCLUSIVA

Com este capítulo, podemos concluir que a organização tida pelo ERec da BrigInt parece ser, em teoria, aquela que dá mais garantias, quando em comparação com a organização tida pelos esquadrões de reconhecimento RSTA.

A organização dos pelotões de reconhecimento do ERec/BrigInt, tem por base o princípio de armas combinadas o que possibilita a esta unidade lutar pela informação, efetuar reconhecimentos apeados e atuar em todo o espectro das operações militares. No Exército dos EUA é a organização tida pelos esquadrões de reconhecimento do ACR, que apresenta mais semelhanças com a do ERec/BrigInt, uma vez que as duas organizações têm meios que permitem ter o poder de fogo necessário, para operar em todo o espectro das operações.

Quanto à organização dos pelotões de reconhecimento RSTA, a mesma não permite a esta unidade sobreviver em todo o espectro das operações militares, pelo que há quem defenda que este tipo de organização deve ser revista.

É importante referir que uma brigada nos EUA tem a si associado um grupo de reconhecimento, o que permite cobrir uma distância e profundidade muito maior, facto de

grande relevância se tivermos em conta que nos atuais teatros as unidades cobrem grandes áreas, sendo que em alguns casos não existem limites definidos.

Em Portugal a existência de um só esquadrão de reconhecimento na BrigInt, assim como nas restantes brigadas do Exército Português é um ponto limitador, pelo que a possibilidade de constituir grupos de reconhecimento deveria ser levada em consideração.

CAPÍTULO 8

CONCLUSÕES E PROPOSTAS

8.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo surge com o intuito de dar resposta à questão inicial de quais os desenvolvimentos tidos nas unidades de reconhecimento, tendo em conta o espectro das operações militares. Para tal, no Estado da Arte, foram apresentadas as temáticas da conflitualidade e das missões das unidades de reconhecimento, enquanto no estudo propriamente dito foi feita referência às unidades de reconhecimento dos EUA, ao seu desempenho em operações, assim como uma comparação entre as unidades de reconhecimento do Exército dos EUA e do Exército Português.

8.2 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES

Chegados a esta fase torna-se fundamental a verificação das hipóteses, tendo como intuito dar responder às questões derivadas. Para tal foram levantadas cinco hipóteses que se encontram interligadas com as questões derivadas.

Relativamente à primeira hipótese, **“As ameaças presentes nos atuais teatros aumentaram as necessidades de executar missões de reconhecimento e segurança”**, verifica-se que as forças opositoras presentes nos teatros atuais utilizam uma organização descentralizada conjugando técnicas convencionais e não convencionais, o que leva a que seja necessário realizar de forma contínua missões de reconhecimento e segurança. A realização deste tipo de missões diminui de forma significativa as possibilidades de ataque, aumentando a capacidade de sobrevivência das diferentes unidades.

Quanto à segunda hipótese, **“As orgânica das unidades de reconhecimento dos EUA, e a melhor tendo em conta os atuais teatros”**, a mesma não se verifica totalmente, uma vez que as unidades de reconhecimento tais como as pertencentes a IBCT e SBCT

revelam vulnerabilidades devido à falta de poder de fogo e ao reduzido número de elementos dentro dos pelotões de reconhecimento. É usual aquando da realização de missões de segurança conjugar forças pertencentes aos ACR e HBCT com estas forças mais ligeiras, garantindo assim o poder de fogo. Por outro lado as viaturas tipo *Stryker* têm vantagem em relação as viaturas de lagartas, quando a operar em áreas edificadas, uma vez que são mais ágeis, deslocam-se de forma mais rápida e garantindo ao mesmo tempo proteção.

No que concerne à terceira hipótese, **“A introdução de novos equipamentos traduz-se numa mais-valia para as unidades de reconhecimento”**, a mesma verifica-se. Como exposto nos estudos de caso foi muito graças à introdução de novos meios tecnologicamente avançados, que se torna possível ter acesso à informação de forma mais veloz, levando a que se tomem decisão de forma mais rápidas e segura por parte do Comandante.

Relativamente à quarta hipótese, **“ As alterações introduzidas na formação dos militares, possibilitam uma melhor compreensão das missões das unidades de reconhecimento”**, verifica-se que existe uma preocupação grande das chefias nos EUA em dotar os seus militares de todas as capacidades, tendo como intuito responder a todas as situações. A complexidade dos atuais teatros leva a que os militares tenham que possuir mais e melhores conhecimentos táticos e técnicos, para além de tecnológicos e linguísticos. No que diz respeito aos militares das unidades de reconhecimento, estas alterações permitiram uma maior agilidade e flexibilidade, compreendendo e respondendo de forma mais rápida as operações no terreno e missões vindas do escalão superior.

Quanto à quinta hipótese, **“A orgânica das unidades de reconhecimento em Portugal é a que dá mais garantias de cumprir todo o tipo de missões”**, a mesma não se verifica na totalidade. Se por um lado a orgânica tida pelas unidades de reconhecimento em Portugal parece ser a mais apropriada para o emprego em qualquer tipo de missão, uma vez que dentro de um esquadrão de reconhecimento encontramos pelotões de armas combinadas, por outro a experiência militar dos EUA assim como de outros Exércitos de referência mostram que as unidades de reconhecimento cresceram em termos de dimensão. Se anteriormente um esquadrão de reconhecimento apoiava uma brigada, hoje em dia temos um grupo de reconhecimento em apoio a uma brigada.

8.3 RESPOSTA ÀS QUESTÕES DERIVADAS

Com a realização do trabalho e verificação das hipóteses, torna-se agora possível dar resposta as questões derivadas.

No que toca à primeira questão derivada, **“Quais as características dos novos teatros de operações?”**, a resposta encontrada mostra que os teatros de operações de hoje são locais violentos, assustadores e esgotantes onde o inimigo se mistura com a população civil, o que implica elevadas perdas humanas. A força opositora presente nestes teatros utiliza preferencialmente técnicas não convencionais, empregando armas convencionais e equipamento de várias nações. Os combates acontecem normalmente em áreas densamente povoadas ou em zonas de difícil acesso, tal como montanhas e florestas, locais que garantem alguma vantagem as forças opositoras presentes no teatro.

Relativamente à segunda questão derivada, **“Quais as necessidades de material e equipamento tendo em conta os novos teatros e as suas ameaças?”**, a resposta encontrada mostra que as Forças Armadas dos EUA, começaram por criar forças médias blindadas de rodas que conjugam velocidade, proteção e poder de fogo. A introdução de novos sistemas tecnologicamente avançados tais como UAV's com maior alcance e capacidade de transmissão em tempo real, a utilização de sistemas que possibilitam a identificação de forças amigas, assim como os equipamentos que permitem a identificação da força opositora através de transmissões rádio ou do movimento, são algumas das inovações. Todos estes avanços aconteceram pois as características dos novos teatros levaram a necessidade de o comandante tomar decisões de forma mais rápida e segura.

No que concerne à terceira questão derivada, **“Quais as alterações produzidas na formação dos militares das unidades de reconhecimento, tendo em vista a especificidade dos novos teatros?”**, podemos observar que existe uma preocupação muito grande por parte do poder político e chefias militares dos EUA no que toca à formação, visível quando se diz que os comandantes devem estar preparados para dar resposta a qualquer tipo de solicitação. A introdução de alterações na formação dos Oficiais e Sargentos presentes nas unidades de reconhecimento dos EUA, tem por objetivo dotar os mesmos de novas capacidades que permitam não só a realização como dar resposta a todo o tipo de missões nos atuais teatros de operações.

Por fim, a resposta à questão derivada, **“Quais as diferenças entre as unidades de reconhecimento em Portugal e nos EUA no que diz respeito à orgânica?”**, mostra-nos que em Portugal os pelotões de reconhecimento utilizam o princípio de armas combinadas

o que permite que os mesmos sejam empregues em todo o espectro das operações militares. Relativamente aos EUA, este país tem uma organização diferente nas suas unidades de reconhecimento para cada tipo de brigada.

Outro dos pontos diferentes prende-se com o facto de em Portugal, para cada brigada a unidade de reconhecimento orgânica ser de escalão esquadrão, enquanto no Exército dos EUA para cada brigada existe um grupo de reconhecimento.

8.4 RESPOSTA À PERGUNTA DE PARTIDA

Depois de verificadas as hipóteses e de dar resposta às questões derivadas, estão reunidas todas as condições para dar resposta à pergunta de partida, **“tendo em conta o espectro atual das operações militares quais as necessidades das unidades de reconhecimento?”**, pelo que as principais necessidades prendem-se com o equipamento, formação e organização das unidades de reconhecimento.

Relativamente ao equipamento os novos sistemas assumem um papel de grande relevo, uma vez que possibilitam uma melhor e mais rápida recolha de informação, assim como a sua transmissão, para além de aumentarem o conhecimento da realidade vivida no teatro de operações.

Quanto à formação, as unidades de reconhecimento necessitam que os seus militares tenham os conhecimentos adequados, assim como agilidade e flexibilidade mental para realizar todo o tipo de missões.

No que concerne à organização fica claro que aquela que dá mostras de ser mais eficaz, prende-se com a utilização do conceito de armas combinadas nas unidades de reconhecimento. Outro ponto é relativo à dimensão da unidade de reconhecimento que trabalha em proveito de uma brigada, que deverá ser de escalão grupo.

8.5 RECOMENDAÇÕES

Do estudo ressaltam dois assuntos que, pela sua importância, perfilam-se como sendo as recomendações; um relativo à formação dos quadros da Arma de Cavalaria, e

outro respeitante à possibilidade de alteração da orgânica das unidades de reconhecimento no Exército Português.

No que respeita à formação, a possibilidade de desenhar um curso de reconhecimento para os quadros da arma seria sem dúvida uma aposta na qualidade.

Relativamente à alteração da orgânica, esta recomendação deveria ser levada em conta uma vez que tudo indica que em futuras operações as unidades de reconhecimento terão um papel de maior relevo.

8.6 LIMITAÇÕES

Tendo em conta o presente trabalho de investigação, e no que diz respeito às limitações, encontramos alguns obstáculos, que de certa maneira condicionaram o normal desenrolar da investigação.

Um prende-se com o limite de páginas, aspeto restritivo, tendo em conta a natureza do trabalho. Para uma investigação deste cariz seria vantajoso um espaço de manobra mais alargado, tendo presente a qualidade do produto final.

Uma segunda limitação tem que ver com o período temporal disponibilizado em exclusividade para a elaboração de uma investigação deste tipo, que se revela curto.

Um outro ponto é relativo à bibliografia nacional, escassa dentro desta temática, tendo em conta que se trata de um tema bastante atual que ainda não foi alvo de estudo.

8.7 INVESTIGAÇÕES FUTURAS

Uma vez que o presente trabalho não se encerra em si próprio, somos levados a constatar, uma série de possíveis recomendações para futuras investigações.

Assim como possíveis pontos a serem desenvolvidos apresenta-mos:

- Um estudo sobre quais as mais-valias na criação de um grupo de reconhecimento nas diferentes brigadas do Exército Português;

- Uma outra temática possível de ser explorada prende-se com a formação dos quadros da Arma de Cavalaria no que toca ao reconhecimento.

Encontra-se assim concluído o nosso trabalho, que se espera tenha sido o mais claro e esclarecedor possível para o leitor.

BIBLIOGRAFIA

- Barteky, Sergeant First Class A. L. (2003, July-August). The Stryker-Equipped Cavalry Squadron in an Urban Environment. *Armor*, p. 26–36.
- Belonus, Sergeant First Class F. R. (2002, March-April). *The Evolution of Reconnaissance In the 21st Century*. *Armor*, p. 20–46.
- Ciribelli, M. C. (2003). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado através de uma pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Editora 7letras. ISBN 85-7577-081-0.
- Davis, Major D. L. (2008). Fighting for Information. *Armor* May-June 2008. p. 26–35.
- Department of the Army. (2008). *Field Manual 3-00 Operations*. Washington, D.C..
- Department of the Army. (2009). *Field Manual 3-20.971 Reconnaissance and Cavalry Troop*. Washington, D.C..
- Gonzales, D., & Temple, D. (2007). *Net worked Forces in Stability Operations 101st Airborne Division, 3/2 and 1/25 Stryker Brigade in Northern Iraq*. Santa Monica: Rand Corporation.
- Jonhson, Colonel F. (2009). Arrowhead Ripper: Adaptive Leadership in Full Spectrum Operations. Washington, D.C..
- Mezzarba, O., Monteiro, C. (2003). *Manual de Metodologia a Pesquisa no Direito*. São Paulo: Saraiva.
- Mcenery, Lieutenant Colonel (Ret.) K., & Perry, Major R. C. (2009 July-August). Army Reconnaissance Course: Defining the Aim Point for Reconnaissance Leader Training. *Armor*, p. 14–20.
- Mcgrath, J. J. (2008). *Scouts Out! The Development of Reconnaissance Units in Modern Armies*. Kansas: Combat Studies Institute Press US Army Combined Arms Center.

- Ministério da Defesa Nacional. (2012). PDE 3-00 Operações. Lisboa.
- Ministério da Defesa Nacional. (2009). ERec Quadro Orgânico (Braga) Número 24.0.15. Lisboa.
- Mullins, Major J. B. (2004). *Defining the Core Competencies of U.S. Cavalry*. Kansas: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College.
- Quivy, R., & Campenhardt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5.^a ed.) Lisboa: Gradiva – Publicações, S.A..
- Rago II, Major L. B. (2002). *Cavalry Transformation: Are We Shooting the Horse Too Soon?*. Kansas: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College.
- RAND Corporation (2005). *Network-Centric Operations Case Study The Stryker Brigade Combat Team. Requirement for the 3^d ACR*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Rogers, Lt. Col. S. M. (2011 Summer/Autumn). Mounted Soldier System: Three Systems Become One. *SoldierMod*, p. 13–14.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático Sobre a Metodologia Científica* (2.^a ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Salomon, D. V. (2006). *Como fazer uma monografia* (10.^a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Sequeira, Tenente Coronel J.(2004). Segurança Interna e Externa face às novas Realidades. *Proelium- Revista da Academia Militar*, p.48.
- Sousa, G. V. (2005). *Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos* (2.^a ed.). Porto: Livraria Civilização Editora, ISBN: 972-26-1559-9.
- Telo, A. (2008, Dezembro). Conflitos e Transformação da Defesa. A Sempre Instável Equação. *Cadernos IDN* , p.1-13.
- Tisserand III, J. B. (2007). U.S. V Corps and 3rd Infantry Division (Mechanized) During Operation Iraqi Freedom Combat Operations (Mar-Apr 2003).Pennsylyvania.

- Torchbearer Nacional Security Report. (2006). Accelerating Momentum: The Stryker Brigade Combat Team as a Learning Organization.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- U. S. Department of Defense. (2010, February). *Quadrennial Defense Review Report*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office.
- Walters, Major K. (2011, January-February). Who Will Fufill the Cavalry's Functions? The Neglect of Reconnaissance and Security in U.S. Army Force Structure and Doctrine. *Military Review* p. 80–85.

ANEXOS

ANEXO A

ESPECTRO DAS OPERAÇÕES MILITARES

A.1 ESPECTRO DO CONFLITO

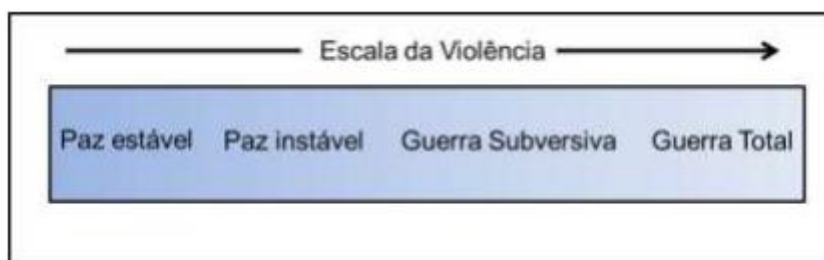


Figura 1: Espectro do Conflito

Fonte: PDE 3-00 (2012, p. 2-1)

A.2 O ESPECTRO DO CONFLITO E OS TEMAS DE CAMPANHA

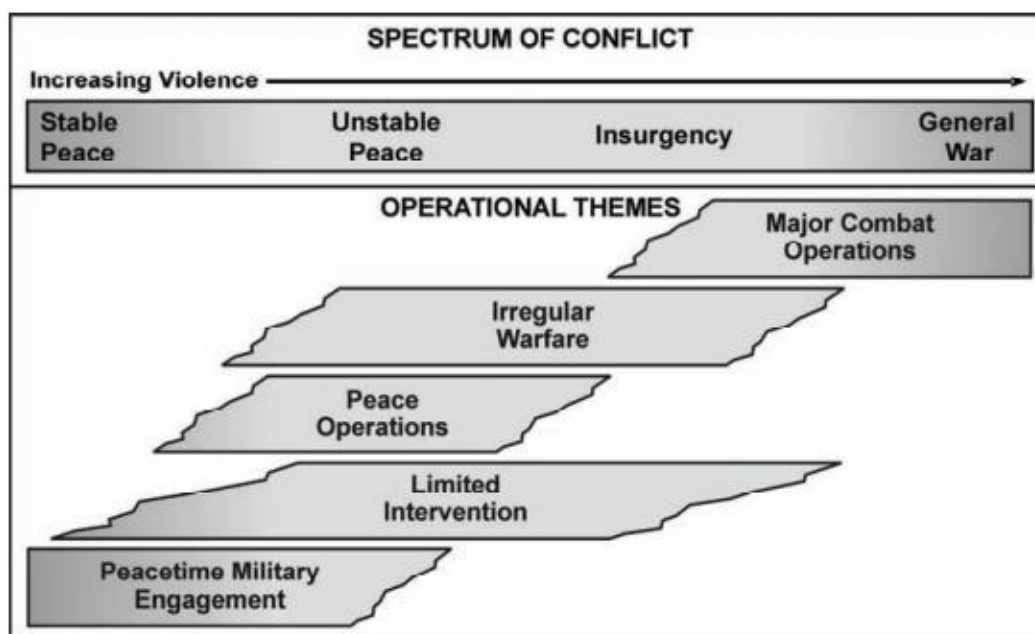


Figura 2: O Espectro do conflito e os temas de campanha

Fonte: FM 3-00 (2008, p. 2-5)

A.3 OPERAÇÕES MILITARES CONJUNTAS

TEMAS DE CAMPANHA	Empenhamento Militar em Tempo de Paz	Intervenção Limitada	Apoio à Paz	Guerra Irregular
OPERAÇÕES MILITARES	<ul style="list-style-type: none"> • Eventos e exercícios de treino multinacionais • Assistência militar • Intercâmbio de treino conjunto e combinado • Operações de recuperação • Controlo de armamento • Atividades antidroga 	<ul style="list-style-type: none"> • Operações de evacuação de não-combatentes (NEO - <i>NonCombatant Evacuation</i>) • Golpes-de-mão • Demonstrações de força • Assistência humanitária • Gestão de consequências • Imposição de sanções • Eliminação de armas de destruição massiva 	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção da paz (PK – <i>Peacekeeping</i>) • Consolidação da paz (PB – <i>Peacebuilding</i>) • Restabelecimento da paz (PM – <i>Peacemaking</i>) • Imposição da paz (PE - <i>Peace enforcement</i>) • Prevenção de conflitos (CP - <i>Conflict Prevention</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa interna de países terceiros • Apoio à subversão • Contra subversão • Combate ao terrorismo • Guerra não convencional
<p>Nota: Neste quadro não são apresentados exemplos de operações de combate de grande envergadura (a que na terminologia anglo-saxónica são denominadas de <i>major operations</i>) por estas envolverem, por norma, uma combinação de operações ofensivas e defensivas, operações especiais e de operações aéreas, terrestres e navais.</p>				

Figura 3: Operações militares conjuntas conduzidas sob determinados temas de campanha.

Fonte: PDE 3-00 (2012, p. 2-4)

A.4 TIPOLOGIA DAS OPERAÇÕES

<p style="text-align: center;">Operações Ofensivas</p> <p>Tarefas Primárias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Marcha para o contacto. • Ataque. • Golpe de mão. • Exploração. • Perseguição. • Finta. • Demonstração. • Reconhecimento em força. • Emboscada. • Rotura de cerco. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conquistar terreno decisivo; • Obter informações; • Privar o inimigo de recursos; • Iludir ou desviar a atenção do inimigo da área de realização do esforço; • Fixar as forças inimigas; • Obter iniciativa; • Desorganizar a ação ofensiva do inimigo; • Deslocalizar ou isolar o inimigo; • Criar condições para a condução de uma operação de estabilização. 	<p style="text-align: center;">Operações Defensivas</p> <p>Tarefas Primárias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Defesa móvel. • Defesa de área. • Operações retrógradas. <ul style="list-style-type: none"> ➤ Retardamento. ➤ Rotura de Combate. ➤ Retirada. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Provocar o insucesso do ataque do inimigo desgastando a sua capacidade ofensiva; • Manter a posse do terreno e impedir o seu controlo por parte do inimigo; • Ganhar tempo; • Economizar forças de modo a permitir a sua concentração noutra local; • Forçar o inimigo a concentrar forças, ficando mais vulnerável aos fogos amigos.
<p style="text-align: center;">Operações de Estabilização</p> <p>Tarefas primárias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer um ambiente seguro e estável. • Apoiar o restabelecimento da segurança pública. • Apoiar a governação e o desenvolvimento. • Restabelecer serviços essenciais. • Apoiar a recuperação e desenvolvimento de infraestruturas. <p>Finalidades:</p>	<p style="text-align: center;">Operações de Apoio Civil</p> <p>Tarefas primárias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apoio na prevenção e resposta a acidentes graves ou catástrofes. • Apoio na satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações. • Apoio na resposta a acidentes graves/incidentes NBQR-E. • Apoio a autoridades civis e Forças e Serviços de Segurança no restabelecimento ou na

<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar um ambiente seguro. • Estabelecer áreas seguras. • Satisfazer as necessidades básicas da população. • Obter apoios para o governo da HN. • Moldar o ambiente para permitir às autoridades da nação hospedeira e às organizações civis, desenvolver as suas atividades com sucesso. 	<p>manutenção da Lei e Ordem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Outros apoios específicos. <p>Finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Salvar vidas. • Restabelecer serviços essenciais. • Melhorar a qualidade de vida das populações. • Manter ou restabelecer a lei e ordem. • Proteger infraestruturas e património. • Manter ou restabelecer as capacidades da administração civil. • Moldar o ambiente para facilitar o sucesso das atividades das autoridades civis.
<p style="text-align: center;">Tarefas de Transição</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento. • Segurança. • Combate de encontro. • Junção. • Extração de forças cercadas. • Substituição de Unidades. • Redução de obstáculos. • Transposição de cursos de água. • Deslocamento de forças. 	

Figura 4: Tipologia das Operações.

Fonte: PDE 3-00 (2012, p. 2.18-2.19)

ANEXO B

ORGANIGRAMAS

B.1 ORGANIGRAMA ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO IBCT

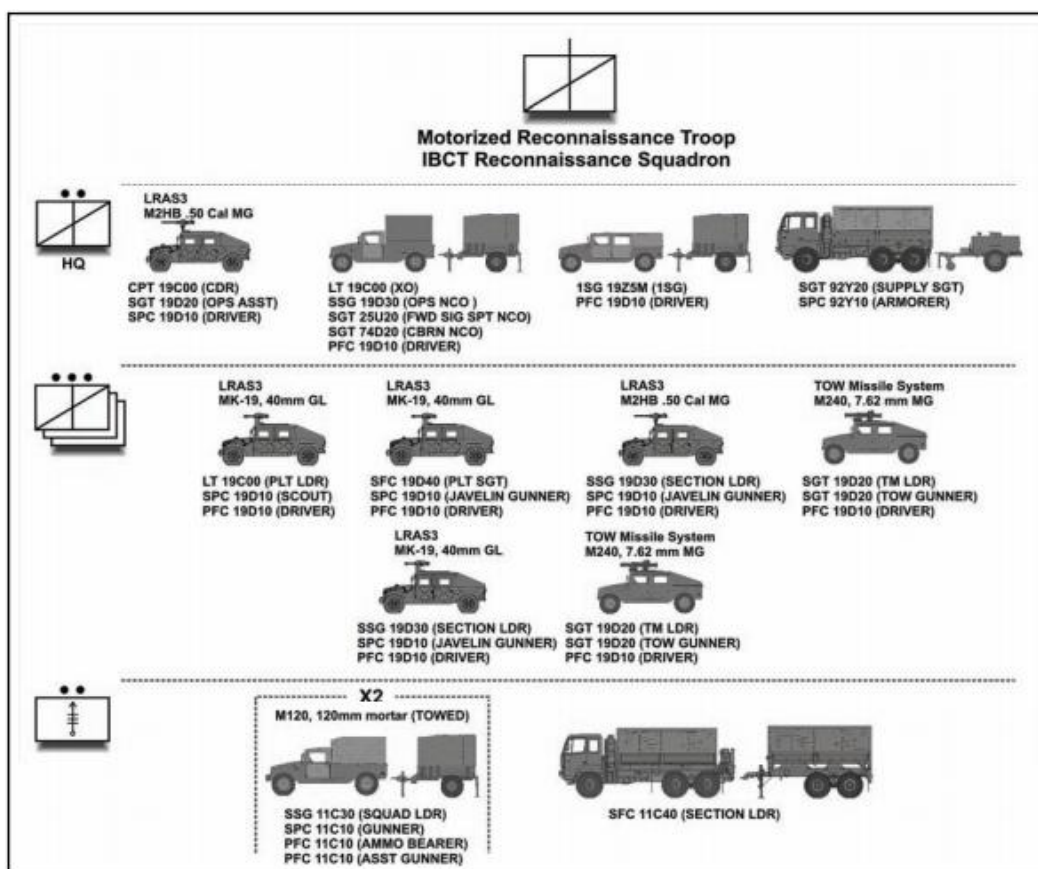


Figura 5: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado

Fonte: FM 3-20.971 (2009, p.1-14)

A Figura 5 representa a organização e o equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento Motorizado pertencente a uma IBCT. Constituído por uma secção de comando onde se encontra o Cmdt de Esquadrão (CDR), 2Cmdt Esquadrão (XO), sargento de reabastecimento (SUPPLY SGT) e equipa sanitária (attached FIST and combat medics), três pelotões de reconhecimento equipado com seis HMMWV's blindados de

reconhecimento, e uma secção de morteiros a duas viaturas HMMWV's com morteiros 120mm e um posto de controlo de tiro (FDC) (FM 3-20.971, 2009, p.1-13).

B.2 ORGANIGRAMA ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO LIGEIRO DA IBCT

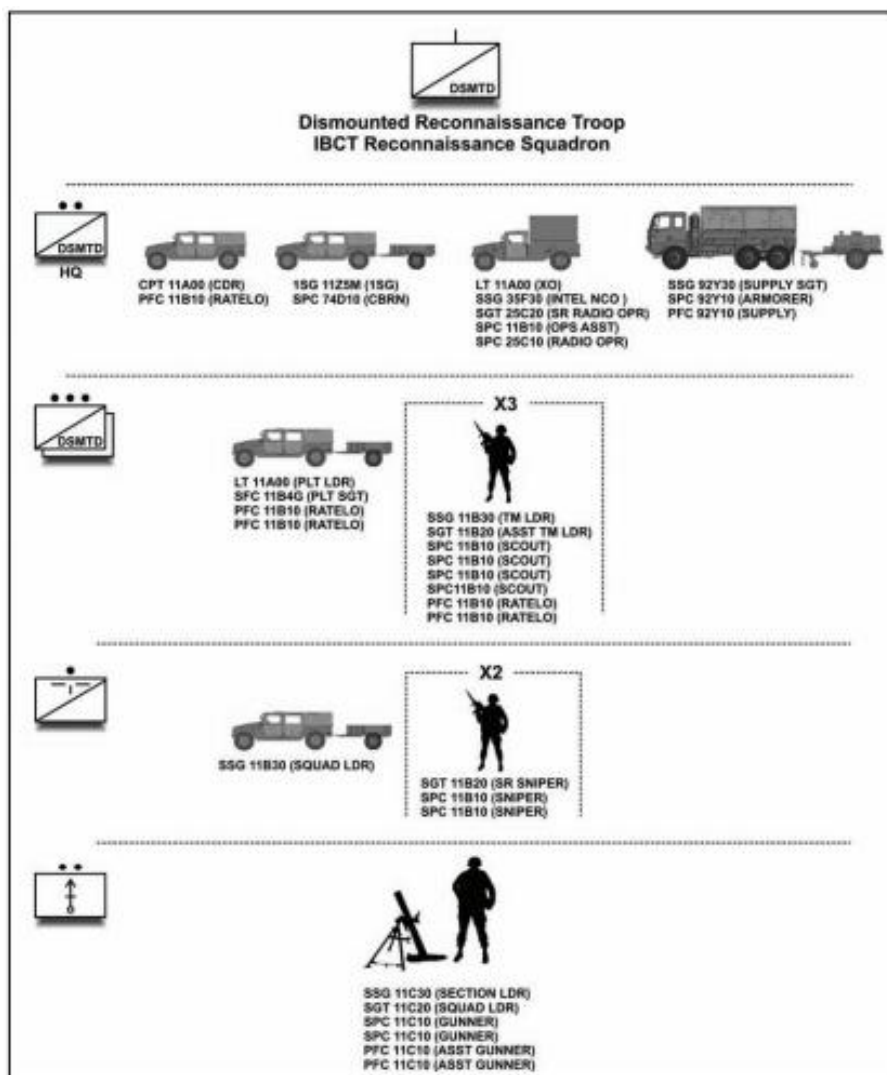


Figura 6: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento Ligeiro

Fonte: FM 3-20.971 (2009, p.1-16)

A figura 6 representa um Esquadrão de Reconhecimento Ligeiro pertencente a uma IBCT. Constituído por uma secção de comando onde se encontra o Comandante Esquadrão, 2º Comandante Esquadrão, sargento de reabastecimentos, equipa sanitária e até oito equipas de dois homens para observação, dois pelotões de reconhecimento ligeiro a

três secções, uma secção de morteiros a dois morteiros 60mm, com um posto de controlo de tiro e uma esquadra sniper equipada com um HMMWV e constituída por sargento Cmdt de esquadra e mais dois ou três elementos (FM 3-20.971, 2009, p.1-15).

B.3 ORGANIGRAMA RSTA

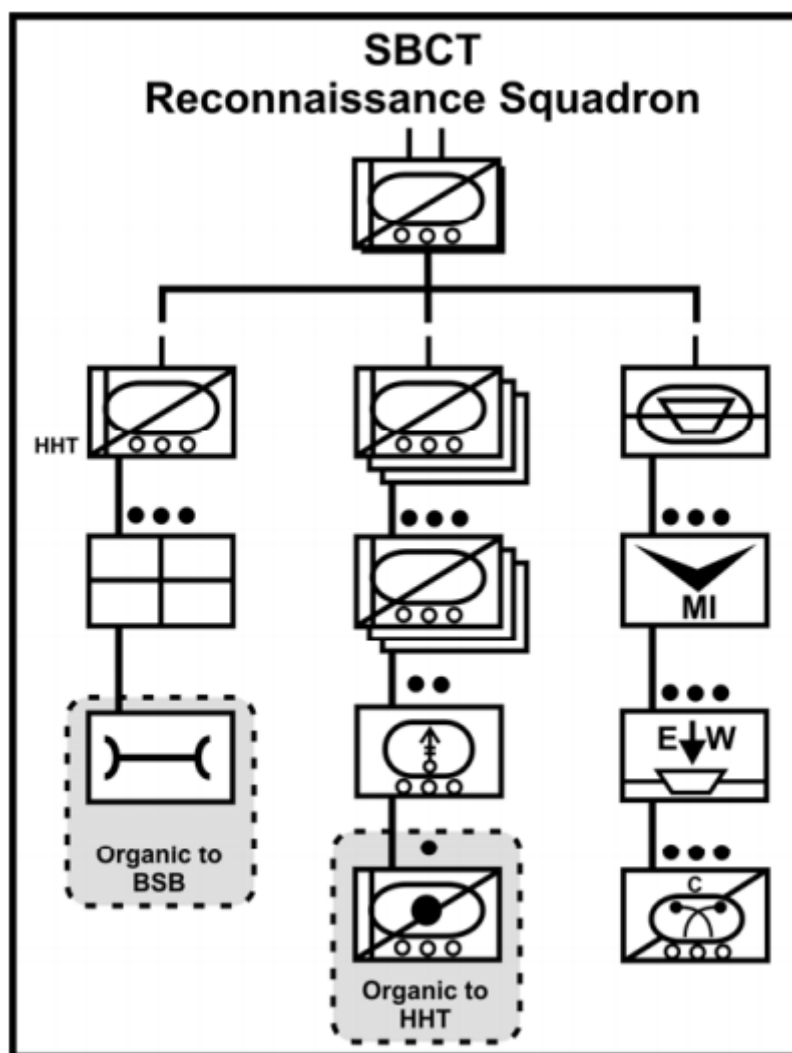


Figura 7: Organização do Grupo RSTA pertencente a SBCT

Fonte: FM3-20.96 (2009, p. 1-12)

A figura 7 representa o RSTA pertencente a SBCT. O RSTA é constituído pelo comando e esquadrão de comando, três esquadrões de reconhecimento equipados com Stryker reconnaissance vehicles e um esquadrão de vigilância (FM 3-20-96, 2009, p.1-11).

B.4 ORGANIGRAMA RECONNAISSANCE TROOP DO RSTA

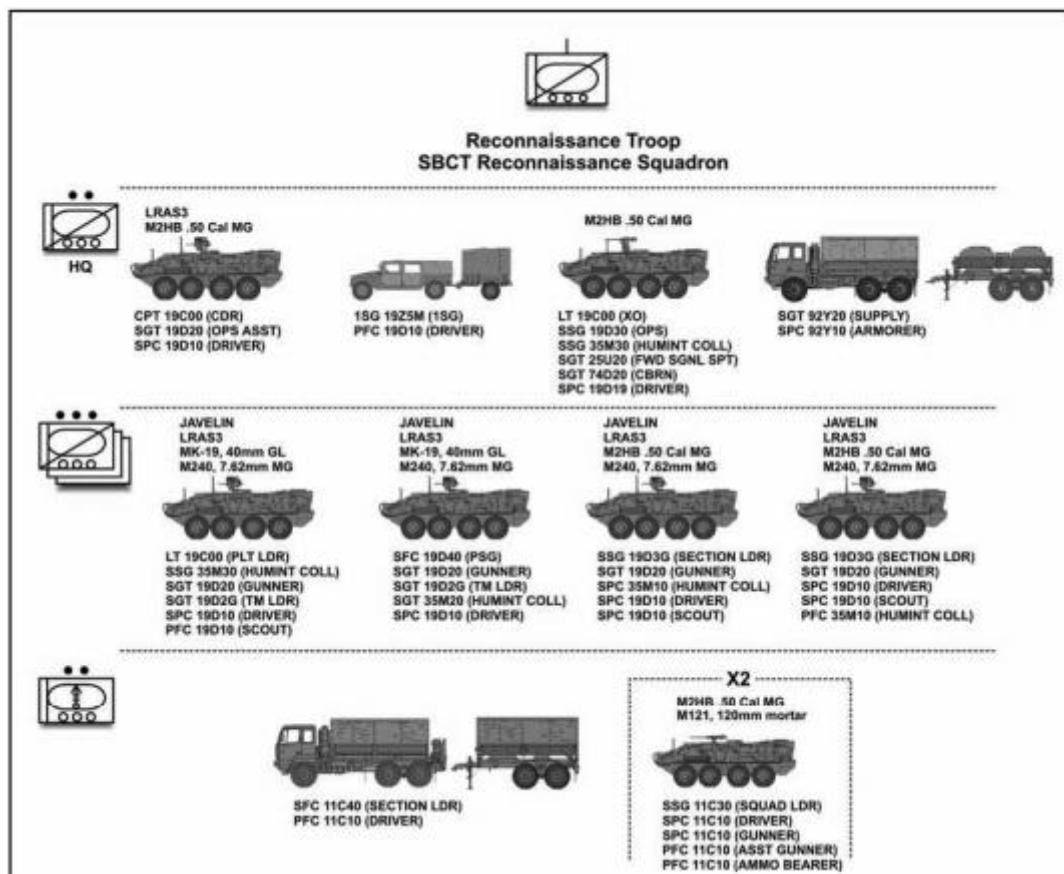


Figura 8: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento do RSTA

Fonte: FM 3-20.971 (2009, p. 1-18)

A figura 8 representa a orgânica e equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento do RSTA. Na sua constituição possui uma secção de comando com o Cmdt de Esquadrão, 2Cmdt Esquadrão, sargento de reabastecimentos, equipa sanitária e um sargento de operações, três pelotões de reconhecimento a quatro viaturas Stryker RV e uma secção de morteiros a duas viaturas equipadas com morteiros 120mm e um posto de controlo de tiro (FM 3-20.971, 2009, p. 1-17).

B.5 ORGANIGRAMA RECONNAISSANCE TROOP DO BFSB

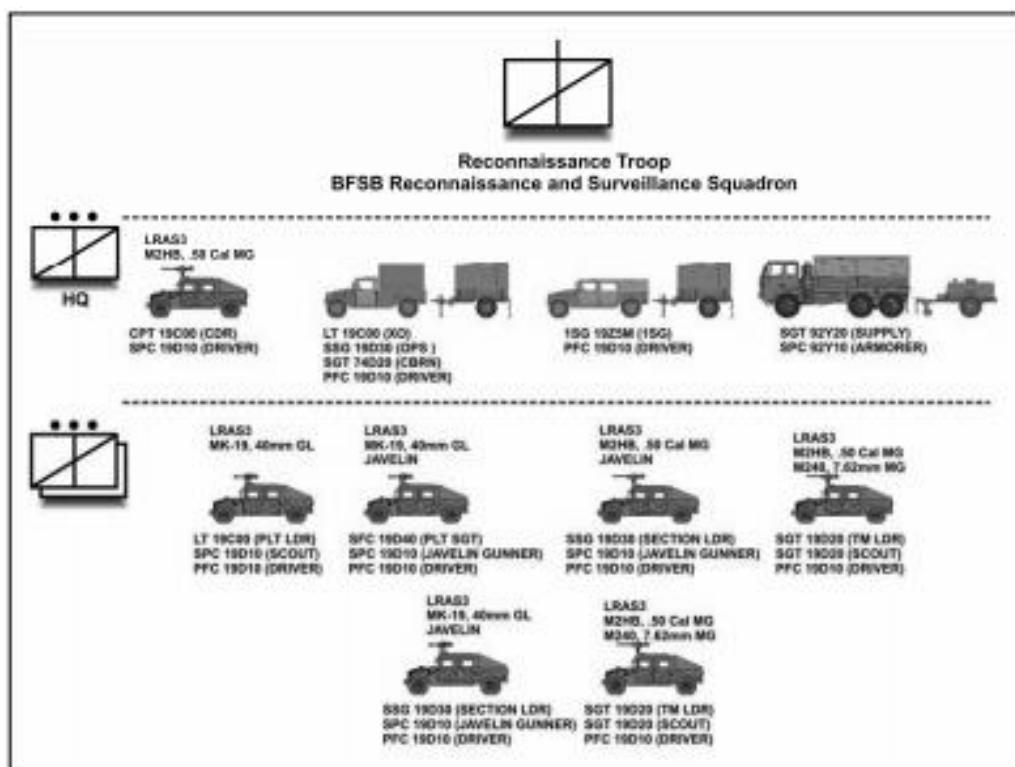


Figura 9: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento do BFSB

Fonte: FM 3-20.971 (2009, p.1-20)

A figura 9 representa a orgânica e o equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento do BFSB. Na sua constituição possui uma secção de comando com o Cmdt de Esquadrão, 2Cmdt de Esquadrão, sargento de reabastecimentos, equipa sanitária e sargento de operações, assim como dois pelotões de reconhecimento equipados com seis viaturas HMMWV's (FM 3-20.971, 2009, p. 1-19).

B.6 ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA HBCT

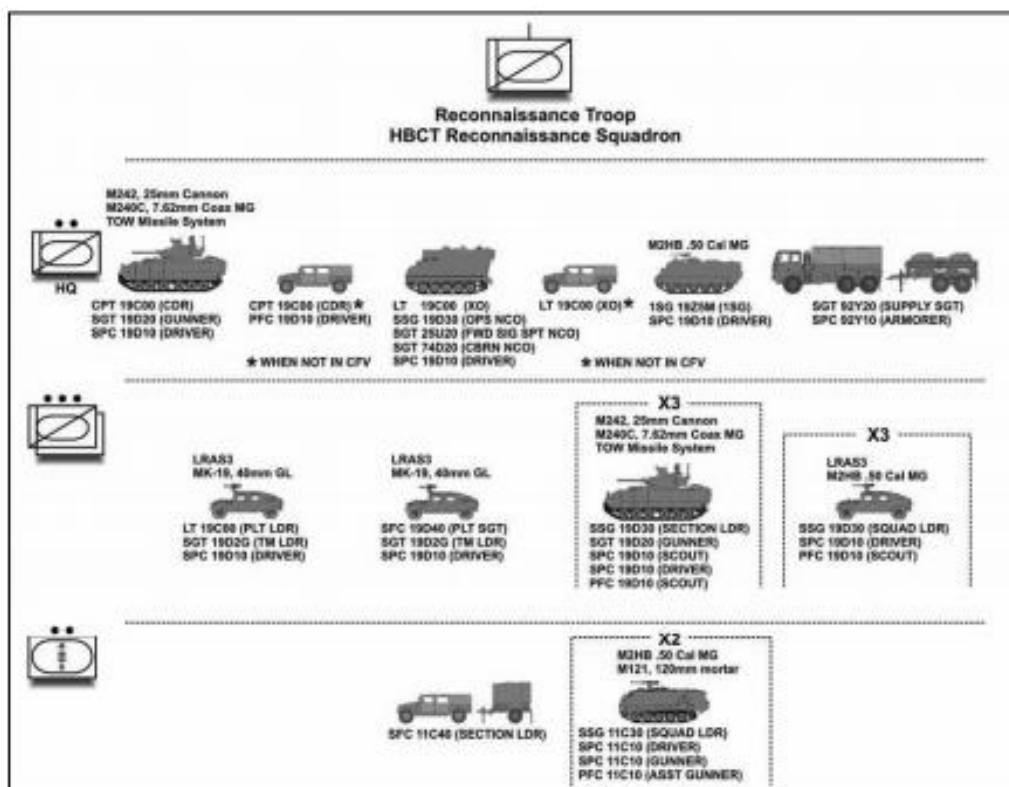


Figura 10: Orgânica e equipamento do Esquadrão de Reconhecimento das HBCT

Fonte: FM 3-20.971 (2009, p.1-12)

A figura 10 representa a orgânica e o equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento pertencente a uma HBCT. Na sua constituição possui uma secção de comando com o Cmdt de Esquadrão, 2Cmdt de Esquadrão, sargento de operações, equipa sanitária, equipa de reabastecimentos, assim como dois pelotões de reconhecimento equipados com três Cavalry Fighting Vehicle (CFV) e cinco HMMWV's equipados com LRAS3 e uma secção de morteiros 120mm a duas viaturas e um posto de controlo de tiro (FM 3-20.971, 2009, p.1-11).

B.7 ORGANIGRAMA RECONNAISSANCE TROOP DO ACR

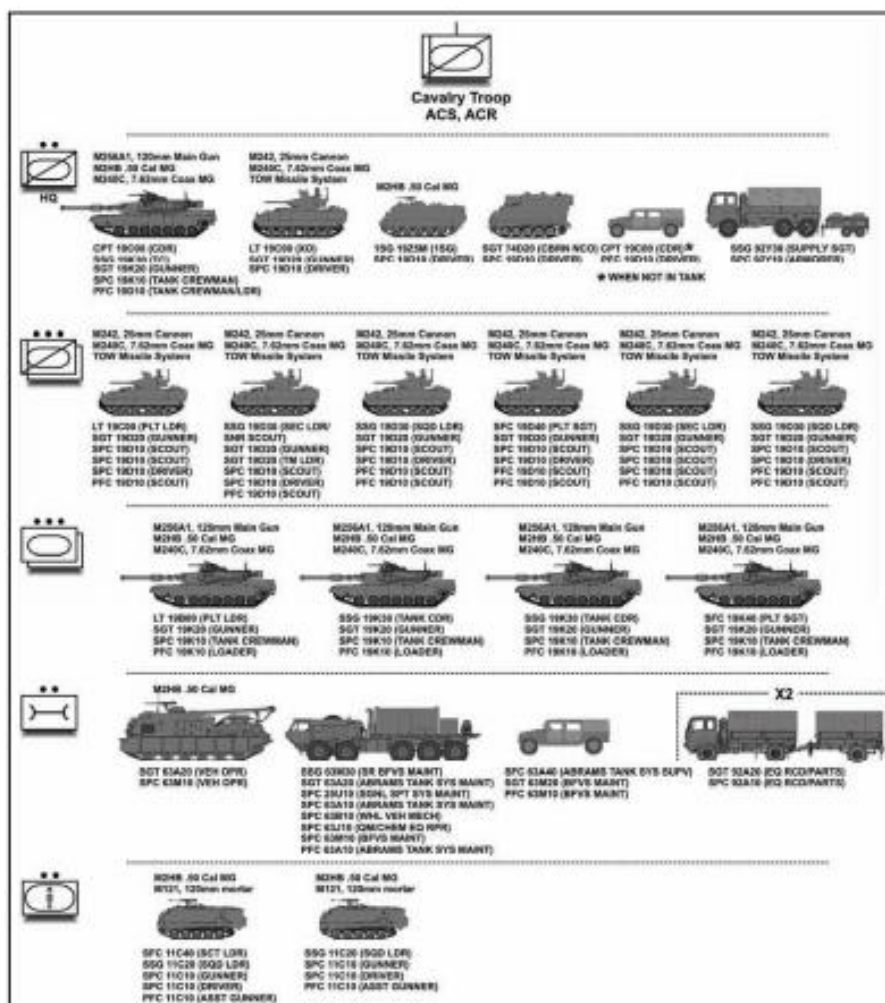


Figura 11: Orgânica e equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento pertencente a um ACR

Fonte: FM 3-20.971 (2009, p. 1-9)

A figura 11 representa a orgânica e o equipamento de um Esquadrão de Reconhecimento pertencente a um ACR. E constituído por uma secção de comando onde se encontra o Cmdt de Esquadrão, o 2ºCmdt de Esquadrão, Sargento de operações, equipa de reabastecimentos, equipa sanitária, equipa NBQ, assim como dois pelotões de reconhecimento a seis viaturas CFV's, dois pelotões de carros de combate com quatro Abrams, uma secção de morteiros 120mm a duas viaturas e um posto de controlo de tiro, e ainda uma secção de manutenção equipada com uma viatura de recuperação, uma viatura de sobressalentes e uma viatura para transporte dos elementos de manutenção (FM 3-20.971, 2009, p.1-9; 1-10).

B.8 ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

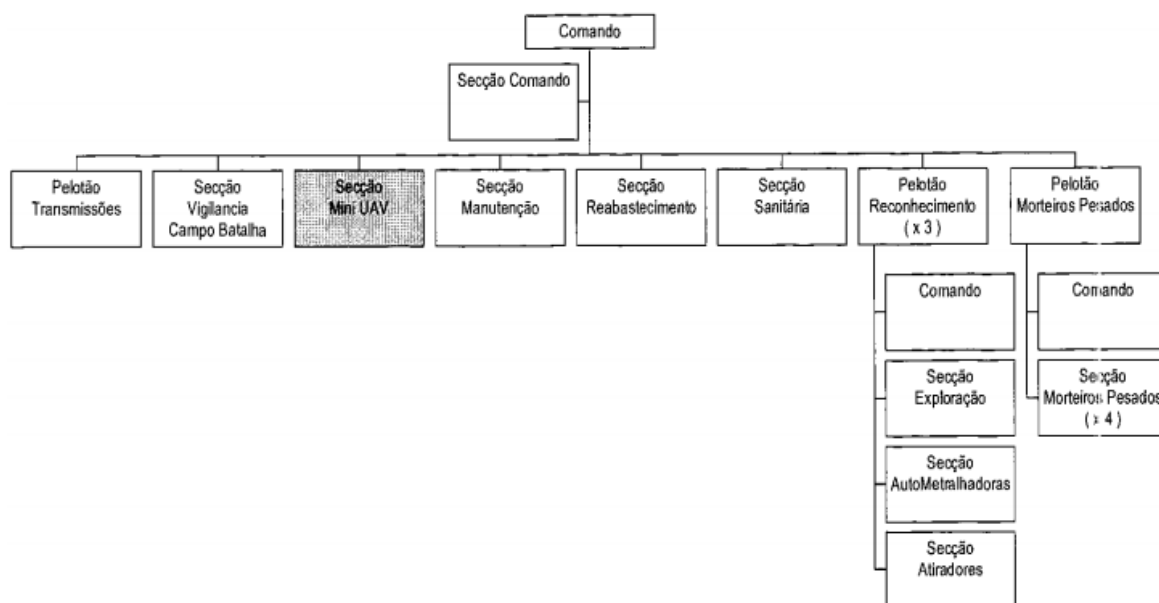


Figura 12: Organograma Esquadrão de Reconhecimento

Fonte: Quadro Orgânico 24.0.15 (2009, p. 2-18)

ANEXO C

OPERATION IRAQI FREEDOM

C.1 OBJETIVO CHATHAM, RAMS, FLOYD E ITINERÁRIO APPALOOSA

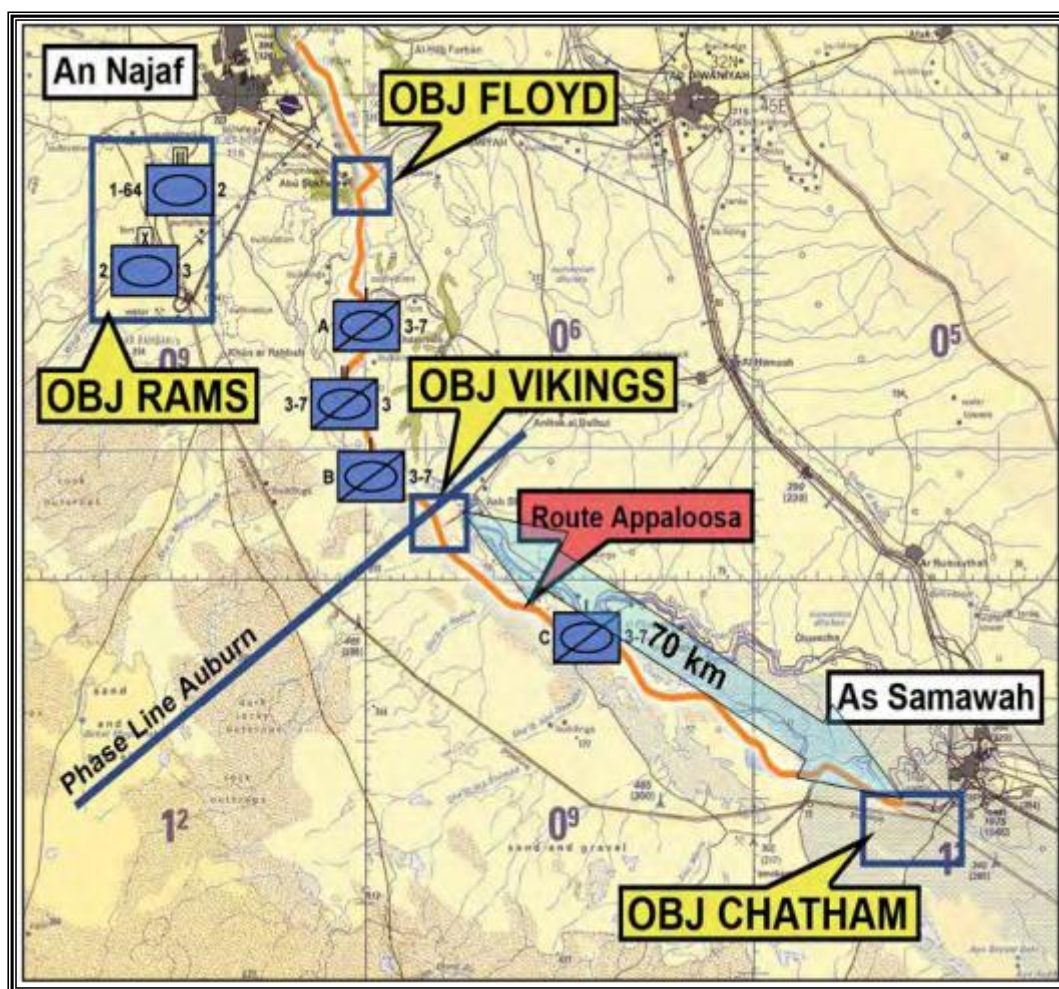


Figura 13: Aproximação do 3-7 CAV ao objetivo Floyd.

Fonte: U. S. V Corps and 3rd Infantry Division during OIF Combat Operation (2007, p.43)

C.2 ESTRADA 8, ITINERÁRIO ROVERS (ESTRADA 18)

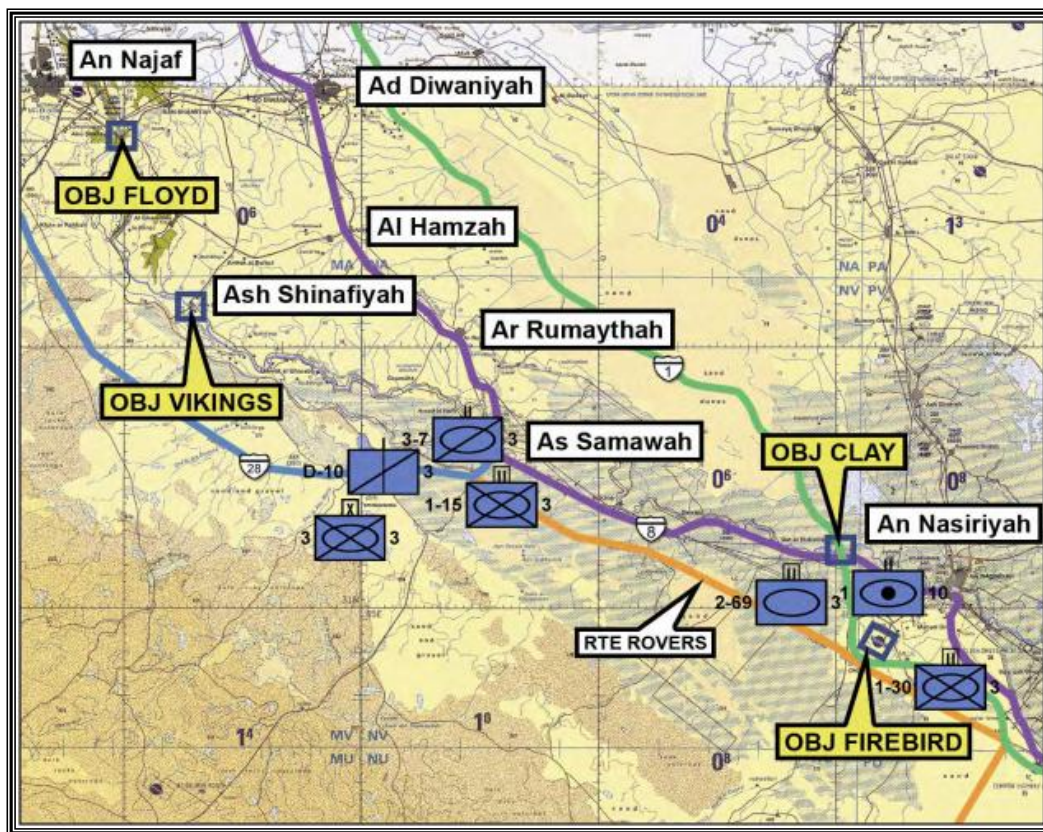


Figura 14: 3BCT de As Samawah a Tallil Air Base.

Fonte: U. S. V Corps and 3rd Infantry Division during OIF Combat Operation (2007, p.41).

C.3 OBJETIVO JENKINS

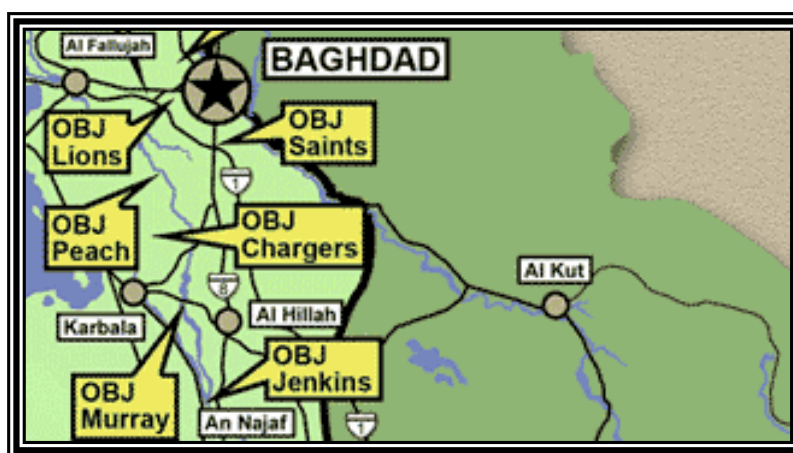


Figura 15: Objetivo Jenkins.

Fonte: On Point- The United States Army in OIF, disponível em <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2004/onpoint/ch-5.htm>.

C. 4 LINHA DE FASE DOVER

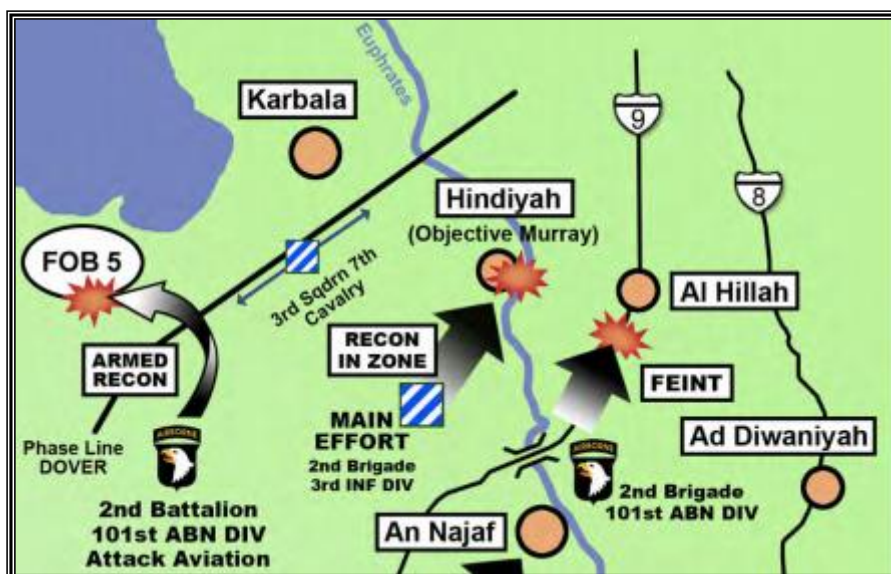


Figura 16: Plano de ataque do V Corpo.

Fonte: U. S. V Corps and 3rd Infantry Division during OIF Combat Operation (2007, p.60).

C.5 OBJETIVO MONTGOMERY E LIONS

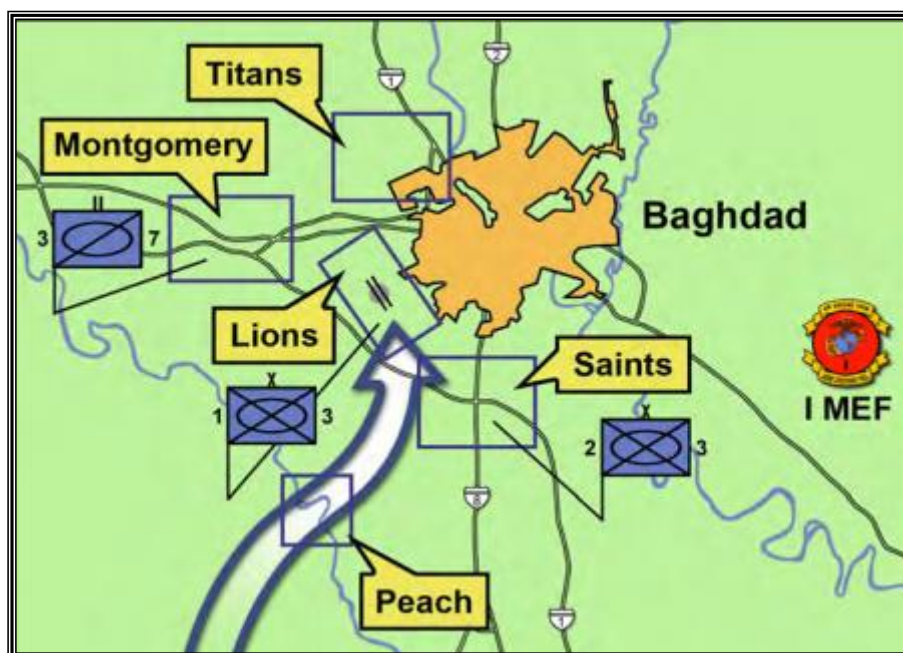


Figura 17: Objetivos na proximidade de Bagdad.

Fonte: U. S. V Corps and 3rd Infantry Division during OIF Combat Operation (2007, p.117).

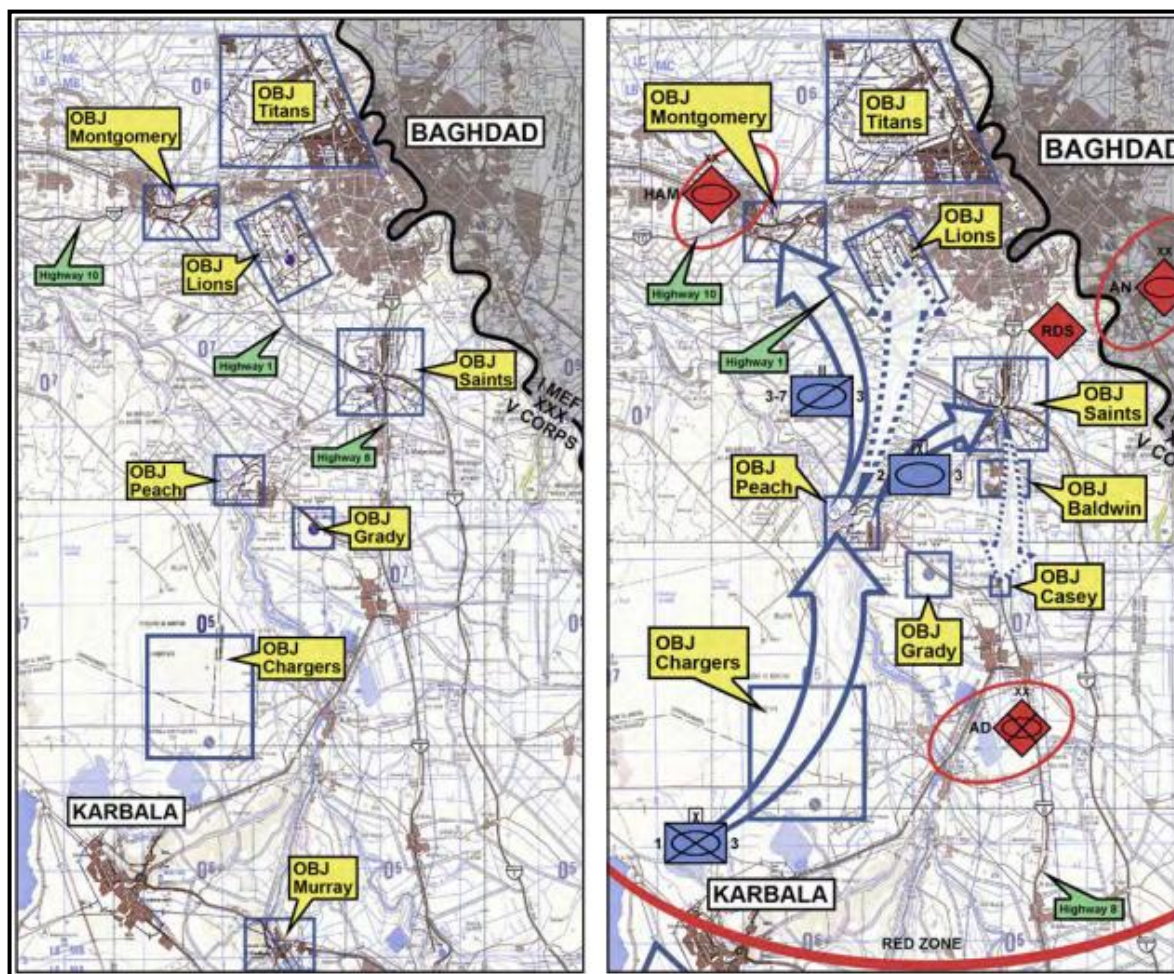


Figura 18: Objetivos e forças insurgentes nos arredores de Bagdad.

Fonte: U. S. V Corps and 3rd Infantry Division during OIF Combat Operation (2007, p.96).